

a um bom serviço a Deus. O salmista exclama aos reis: "Deixai-vos **instruir** (...) servi ao Senhor" (Sl 2.10,11). O apóstolo Paulo afirma o proveito das Escrituras para **ensinar**, para que o homem de Deus seja perfeitamente **instruído** para toda a boa obra.

A Bíblia está cheia de exemplos de homens que prestaram grandes serviços a Deus e ao seu povo, porque eram instruídos. Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios (At 7.22); Daniel foi escolhido para servir ao rei babilônico porque era instruído em toda a sabedoria (Dan 1.4); Apolo era instruído no caminho do Senhor (Ex 18.25).

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. O principal fator de aproximação de Deus é uma mente limpa de maus pensamentos, uma mente fortalecida na Palavra de Deus, uma mente purificada de tudo o que desagrada a ele.
2. "Mente vazia, oficina do diabo". Este é um acertado ditado popular. Quando mantemos nossa mente vazia, ou sem estar voltada para Deus, para coisas que edificam, o inimigo de nossas almas se aloja nela e as conseqüências são desastrosas para nós, para nossa família, para a sociedade e para Deus.
3. Para que tivéssemos comunhão com ele, Deus nos deu uma mente.

Sem a mente o homem seria como os seres irracionais, e não teria condições de dialogar e aprender com o Criador. Devemos, então, utilizá-la para termos cada vez mais comunhão com ele.

4. O crente que não se instrui na Palavra de Deus, jamais será realmente poderoso no seu serviço e jamais será realmente um bom mordomo da mente. Será fraco pela falta de firmeza no conhecimento da Palavra, será fraco porque dará lugar às argumentações malignas que o levarão ao pecado.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Col 3.1-17. O uso da mente na manutenção da santificação.

Terça - Fil 4.1-9. O nosso pensamento deve estar direcionado para o que é bom.

Quarta - Salmos 1. A meditação na Lei do Senhor é o princípio da felicidade e do crescimento na boa mordomia.

Quinta - 1Tim 5.1-15. A necessidade de meditação nos ensinamentos divinos.

Sexta - 1Tess 5. A nossa santificação deve abranger todo o nosso ser.

Sábado - 1Cor 2. A nossa mente deve ser a mente de Cristo.

Domingo - Gên 3.1-6. O pecado é gerado na mente do ser humano, pela mente de Satanás.

Estudo 1

O CULTO AGRADÁVEL A DEUS

Texto básico: Romanos 12:1,2

Podemos ler na Bíblia a respeito da prática do culto ao Deus único desde os tempos de Adão, na narrativa do assassinato de Abel por Caim, seu irmão.

Isto mostra que o culto é um fato na vida do homem e todo fato tem um motivo de ser, apesar de, no aspecto religioso, nem sempre o homem buscar conhecê-lo.

Sendo assim, para que uma igreja de Cristo pratique um culto verdadeiro a Deus precisa buscar o conhecimento do que é básico para a prática do culto que agrada a Deus: Qual **a razão** de cultuarmos? Quais são **os objetivos** do culto? Como deve ser **a prática** do culto? E o entendimento desses aspectos virá necessariamente, à partir de uma compreensão aprimorada **do que Deus pretende de nós quando o cultuamos**.

DEVEMOS CULTUAR DE ACORDO COM O CARÁTER DE DEUS.

Tudo o que fizermos no culto

tem que ter o propósito definido de servir e agradar a Deus. Isto significa que tudo o que for empregado no culto, inclusive a música, tem como finalidade a proclamação da pessoa de Deus, das suas boas novas de salvação (evangelho), da possibilidade que o homem tem de estar em comunhão com Deus, glorificando o seu nome e a sua pessoa. Desejar que o culto seja agradável a Deus. E, logicamente, para agradá-lo, tem que ser de acordo com o caráter dele.

Conforme o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, "*caráter é a qualidade inerente a uma pessoa, o que o distingue de outra pessoa. O conjunto dos traços particulares, o modo de ser de um indivíduo, natureza, temperamento. O conjunto das qualidades (boas ou más) de um indivíduo, e que lhe determinam a conduta e a concepção moral. Firmeza e coerência de atitudes; domínio de si.*"

Como Deus é um ser pessoal, encontramos nele as seguintes qualidades de caráter que nos são

reveladas na Bíblia:

1) Deus é santo Santo é aquilo, ou aquele que é separado de maneira sagrada. Isto quer dizer que Deus é totalmente separado de tudo o que é mal, de tudo o que é pecaminoso, sem qualquer possibilidade de se misturar com tais coisas. Em Isaías 6 observamos que a primeira reação do profeta ao presenciar a presença majestosa e santa de Deus, foi a sensação de que estava mortalmente perdido. Ele percebeu a impossibilidade de estar na presença de Deus na sua situação de pecado, sem a purificação que lhe veio a partir do próprio Deus. Esta reação é bastante lógica quando o homem sincero de coração e conhecedor do caráter de Deus percebe bem nitidamente a diferença entre o Deus Santo, e ele próprio, homem pecador.

2) Deus é amor. A essência de Deus é amor. Isto quer dizer que não pode haver um culto a Deus perfeito, onde não exista amor perfeito, quando os participantes do culto estão em desarmonia com seus irmãos. O apóstolo João, na sua primeira carta, estabelece um raciocínio lógico a esse respeito, que é irrefutável: Como poderemos amar a Deus a quem não vemos se não amarmos ao nosso irmão a quem vemos? Isso é impossível. Se Deus é amor, se por ele habita em nós, se nos dispomos a cultuá-lo em

espírito e em verdade, precisamos amar nosso irmão para que Deus aceite o culto que é dedicado a ele. Logo tudo que está diretamente ligado ao culto tem que estar perfeitamente sintonizado com o amor de Deus.

3) Deus é Justiça. Uma grande falha humana, quase que generalizada, é achar que Deus, por ser amor na sua essência, não pune o homem por seus atos pecaminosos. No entanto, muito pelo contrário, exatamente por ser amor, Deus corrige a todo aquele que ama. E essa correção é perfeita em justiça, onde a detecção do erro é perfeita e onde a correção é aplicada em proporção perfeita ao erro. Portanto quem pretende cultuar perfeitamente a Deus, precisa ter uma preocupação real e constante, a de se colocar à disposição de Deus, para que ele sonde o coração e que, em achando algum mal caminho, seja ele corrigido pelo próprio Deus. O desejo sincero dessa correção, dará ao crente a condição de ser perdoado e de estar purificado diante do Deus justo e perdoador.

DEVEMOS CULTUAR DE ACORDO COM A PALAVRA DE DEUS

A Bíblia é a palavra de Deus. O apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, afirma que toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o

Palavra de Deus. Este é um dos motivos de o salmista afirmar que é feliz o homem que **medita** na Lei do Senhor (Sl 1.2). E este é também um dos motivos de o apóstolo Paulo aconselhar os crentes a **pensarem** nas coisas que são de cima. Esta busca através do entendimento, da observação inteligente a respeito das coisas que são de cima, fará com que o crente em Cristo esteja administrando sua mente no sentido de manter-se sempre aproximado de Deus.

2. Mortificando nossos membros - Col 3:5. A mordomia do corpo começa na mente. É ela que comanda o corpo. Se não formos bons mordomos da mente, jamais seremos do corpo, e este se perderá nos pecados descritos no texto indicado. Pecados do corpo **nascem** na mente; pecados do corpo **são alimentados** na mente, mas também pecados do corpo **são eliminados** na mente. Por isso Satanás quando desejou introduzir o pecado no mundo, apelou para o intelecto do homem (Gên 3:1-5) levando-o a pensar que estaria fazendo uma grande coisa. Quando direcionou sua mente para o que era mau diante de Deus, utilizou seus membros, seu corpo para pegar o fruto e para comê-lo. Se de fato desejamos mortificar nosso corpo, lembremos que a mortificação dos membros começa na mente porque é ela que comanda o corpo.

3. Santificando nosso espírito - Col 3.8,9. O espírito é nossa parte imaterial. Quando o apóstolo Paulo escreve aos Tessalonicenses e deseja que sejam santificados no **espírito**, usa a expressão *pneuma* que seria a parte invisível, imaterial do homem no seu aspecto mais elevado, mais importante, parte que se relaciona com Deus. Se desejou a santificação do *pneuma*, do espírito, é porque aí também se alojam pecados como a ira, a cólera, a malícia, a maledicência, a inveja, a mentira, os maus pensamentos. E é pela mente que nos despojamos de tais pecados.

4. Renovando nosso entendimento - Col 3.10,16. A nossa mente é dinâmica e pode ser acionada para um crescimento em relação às coisas de Deus. Não podemos deixar nosso entendimento estático, imobilizado. Precisamos nos renovar no conhecimento da palavra de Deus que habita em nós e nos conduz à sabedoria divina. É através da mente que deixamos o mundo para trás, não nos conformando com ele e nos transformando pela renovação do nosso entendimento (Rom 12:1,2).

É PELA MENTE QUE SERVIMOS MELHOR A DEUS

A instrução está diretamente ligada à mente e diretamente ligada

portanto, distanciado de Deus. Crescemos recebendo muitas **informações** úteis e inúteis, benéficas e maléficas para nosso relacionamento com Deus, sejam elas através do ensino formal ou através dos exemplos de vida que presenciamos. Um dia recebemos a **informação de que Deus tem um plano para que o homem possa se reaproximar dele**; escolhemos aceitar o plano, crendo em sua essência, Jesus Cristo. Por termos escolhido, conhecemos a verdade que nos libertou do pecado e das suas conseqüências. Receber informações, fazer escolhas, crer, conhecer, são funções da mente.

No plano de Deus para a salvação do homem está incluído o entendimento. Jesus deu provas disso em diversas ocasiões, como na parábola do semeador, quando diz: "Ouvindo alguém a palavra do reino, e não a **entendendo**, vem o maligno, e arrebatou o que foi semeado no seu coração" (Mt 13.19). Na mesma ocasião, depois de ter narrado as parábolas do tesouro escondido, da pérola e da rede, perguntou aos seus discípulos: "**Entendestes** todas estas coisas?" (Mt 13.51) E, ainda, pouco antes de subir aos céus, ordenou aos seus discípulos que se dedicassem a fazer discípulos dele (o discipulado trás em si o ensino) e que se dedicassem a ensinar todas as coisas que ele lhes tinha man-

dado (Mt 28:19,20), demonstrando que o ensino é extremamente necessário para que o homem conheça a Cristo e, conseqüentemente, se aproxime de Deus.

Se o homem não abrir o seu coração para entender as coisas de Deus, nunca se aproximará dele (Mat. 13:15).

É PELAMENTE QUE VIVEMOS NA PROXIMIDADE DE DEUS

Não é bastante para o homem somente aproximar-se de Deus. É necessário que **viva na proximidade dele**. Quantos têm-se aproximado e depois têm vivido infelizes porque se distanciaram novamente? Se é verdade que para nos aproximarmos de Deus usamos a nossa mente para entendermos o seu plano de salvação, também é verdade que para vivermos na proximidade de Deus usaremos nossa mente para rejeitarmos o pecado, porque é também pela nossa mente que entendemos e executamos seu plano para nossa santificação, porque este entendimento possibilitará que durante a vida cristã estejamos:

1. Buscando as coisas que são de cima - Col 3.1,2. Nós não vemos as coisas que são de cima, mas temos **informações** sobre elas na

ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça (2 Timóteo 3:16). Portanto ela é suficiente para nos orientar em tudo que precisamos, inclusive no que concerte a um culto perfeito e agradável a Deus.

Quando criou o homem, Deus o fez para si e com um único propósito: para glorificá-lo. Mas como o homem transgrediu o propósito de Deus, escolhendo dar mais crédito à palavra de Satanás que a própria palavra de Deus, ele, mesmo sendo a coroa da criação, escondeu-se de Deus, e, quanto mais foi pecando, mais foi se afastando. No entanto, não era do agrado de Deus que assim acontecesse e sempre trouxe ao homem a sua palavra orientadora que, sendo obedecida, traria como consequência o reverso do processo de afastamento. Qualquer homem que deseje se achegar até Deus precisa dar ouvidos à sua voz, seguir as orientações divinas. Mas, em Gênesis 4: 1-7, no primeiro culto que lemos na Bíblia, encontramos um homem se rebelando contra a palavra de Deus, deixando que seu coração falasse mais alto do que a voz de Deus, chegando-se a Deus como ele queria chegar e não como Deus queria que chegasse. O resultado foi fatal. Deus não aceitou o seu culto (quando havia possibilidade de aceitação "...se bem fizeres não haverá aceitação para ti?...".v.7).

Deus, pelo seu conhecimento profundo da natureza humana sabia que o homem nunca se chegaria a ele por seus próprios meios e, então, pelo seu perfeito caráter de justiça, estabeleceu critérios simples e rígidos para o homem ser aceito em sua presença.

Hoje, entretanto, o que temos visto no seio da humanidade é exatamente o contrário, pois os homens têm estabelecido seus próprios critérios, sentindo-se suficientes para se chegarem a Deus. Como crentes em Cristo não podemos dar ouvidos a tais idéias, que estão distante ou torcem a palavra de Deus, sob pena de estarmos enquadrados na mesma atitude de Caim de rejeição da palavra de Deus e conseqüente rejeição de Deus ao nosso culto.

DEVEMOS CULTUAR DE ACORDO COM OS OBJETIVOS DE DEUS.

Voltando ao exemplo de Caim e Abel, notamos que Deus tinha um objetivo nos sacrifícios. Não era simplesmente um capricho de Deus, mas havia ali alguns objetivos para o próprio homem. São eles:

1) A anunciação do sacrifício do cordeiro. Abel trouxe a Deus das primícias das suas ovelhas para serem sacrificadas. Mais tarde, a partir de Moisés, vemos a anunciação do Messias que viria a ser sacrificado por nós

2) **Ser uma pessoa aprovada na presença de Deus.** Deus aceitou o culto de Abel e rejeitou o de Caim, porque este não dera a devida importância ao culto prestado a Deus, ao contrário de Abel que demonstrou a importância trazendo das primícias, do que havia de mais valioso. Deus rejeitou o culto de Caim porque este, na realidade não tinha o devido respeito a Ele; Deus rejeitou o culto de Caim, porque este realizou um culto mal realizado.

3) **Estar em comunhão com os irmãos.** O que levou a Caim matar seu irmão não foi simplesmente o fato de que Caim estava com inveja da oferta de seu irmão, mas porque se deixou levar pela amargura do pecado, a soberba de Satanás; porque deixou o rancor contra seu irmão se alojar no coração. Tudo isso seria evitado se houvesse da parte de Caim o sentimento de comunhão.

Quando nossos cultos tomam outros objetivos que não são os objetivos de Deus, a tendência é de que haja nele todo um processo de decadência espiritual e, conseqüentemente, moral, tanto quanto houve na geração de Caim, em que a morte e a imoralidade tornaram-se parte normal de vida do homem.

CONCLUINDO

Um culto verdadeiramente cristão precisa ser agradável a Deus.

Não se pode cultuar com a finalidade de agradar aos próprios dirigentes do culto, ou aos homens, às mulheres, aos jovens, adolescentes ou crianças. Não se pode cultuar verdadeiramente para agradar a qualquer pessoa que não seja o próprio Deus. O culto deve ser para Ele, por Ele e com Ele. E para que assim aconteça, é necessário que pratiquemos cultos segundo a vontade dele estabelecida nas Escrituras, tendo sempre em mente o desejo sublime de agradá-lo e deixando-o que purifique os nossos pecados de toda a injustiça, inclusive a falta de amor aos nossos irmãos.

Qualquer outro ato religioso que se faça, com outras intenções, fora dos padrões bíblicos, é mera invenção humana e não tem qualquer valor para Deus, por mais belo e animador que possa parecer. O que importa não é como o culto pareça aos homens, mas como é assistido e conhecido por Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 4:3-12

Terça - Gênesis 22:1-14

Quarta - Amós 5:21-27

Quinta - Efésios 5:1-20

Sexta - Romanos 12

Sábado - Salmo 7:1-17

Estudo 3

A MORDOMIA DA MENTE

Texto bíblico: Colossenses 3.1-17

Em estudo anterior pudemos recordar que fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Sendo conforme a sua imagem, recebemos uma forma, um corpo. Sendo à sua semelhança, fomos dotados de intelecto, de mente. Com ela raciocinamos, analisamos situações, criamos situações, sentimos, comandamos o corpo, tomamos atitudes, aprendemos e apreendemos coisas. Deus nos deu uma mente capaz de formar o elo de ligação entre a nossa alma e o nosso corpo.

O apóstolo Paulo escrevendo aos Tessalonicenses, em sua primeira carta, despede-se expressando o desejo de que aqueles irmãos fossem bons mordomos de si próprios, de suas completas personalidades. Ele diz: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo" (1Tes 5:23).

A expressão grega usada por ele, que foi traduzida por alma, é

psiquê, que representa a parte imaterial do homem que lhe dá raciocínio, consciência e impulsiona o seu organismo físico. É a expressão que os dicionaristas traduzem por *mente*. Strong, renomado teólogo que se notabilizou pela sua fidelidade na interpretação das Escrituras, diz: "A psiquê é a parte mais elevada do homem, relacionada ao corpo ou capaz de tal relacionamento".

Percebemos, então, que a mente é uma parte muito importante do nosso ser e isto nos leva a percebermos também que existem aspectos mordômicos relativos à mente que são tão importantes quanto quaisquer outros aspectos da mordomia cristã, cuja observação é de suma importância para nossa vida cristã. Analisemos com atenção alguns destes aspectos.

É PELA MENTE QUE NOS APROXIMAMOS DE DEUS

Nascemos e crescemos em um mundo degenerado pelo pecado e,

Velho Testamento com respeito à prática do sustento dos que viviam do serviço sagrado através do dízimo. E conclui no versículo 14 que a prática deve continuar.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. O maior interessado na paralisação do sustento do reino de Deus é exatamente o inimigo de Deus. Por isso incrédulos que são influenciados ou dominados por ele, zombam e denigrem a imagem da instituição do dízimo.

2. O crente que adere ao movimento mundano contra o dízimo está se aliando justamente àqueles que desejam ver a falência do reino de Deus e está sendo conivente com tais atitudes.

3. Ganhar pouco não é desculpa para a não entrega dos dízimos. Deus na sua justiça estabeleceu um padrão em que todos podem participar de forma igual. Ninguém entrega mais dízimos ou menos dízimos porque dízimo é dízimo.

4. Entregar os dízimos e ofertas, é um prova do amor para com a obra de Deus e uma prova da confiança de que ele está vendo a nossa dedicação para o sustento do seu reino e que então cuidará de nós. A viúva que colocou todo o seu dinheiro na arca do tesouro não contava com o fato de o próprio Filho de Deus estar presente, observando sua atitude.

5. Sustentar obreiros que se dedicam exclusivamente ao minis-

tério da Palavra não deve ser motivo de vergonha para a igreja, porém motivo de alegria por estar participando da expansão do reino de Deus sobre a face da terra e porque está fazendo exatamente o que Deus estabeleceu e o que seu Filho ensinou e determinou.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mat 5.17-20. Jesus nos alerta para o fato da necessidade de cumprirmos o que é determinado por Deus.

Terça - Mat 10.5-14. Jesus determina que os seus enviados vivam do próprio evangelho.

Quarta - Luc 10.1-7. Jesus novamente determina que seus obreiros sejam sustentados para que estivessem livres para a pregação do evangelho.

Quinta - Mar 12.41-44. Jesus testemunha da fidelidade e amor da viúva que deitou todo o seu sustento na arca do tesouro.

Sexta - Heb. 7.1-10. Sendo Melquisedeque figura do próprio Cristo, Abraão entregou o dízimo como se fosse ao próprio Cristo, mostrando que ainda precisamos entregar nossos dízimos àquele que é sacerdote eternamente.

Sábado - 1Cor 9.9-14. O sustento dos que vivem do evangelho é devido.

Domingo - Luc 19:1-10. A primeira manifestação de conversão em Zaqueu foi a perda do amor aos bens materiais.

Estudo 2

O CULTO E O MISTICISMO

Textos básicos: Efésios 2:1-10; 4.17-24; 1Pedro 1.13-16

Místico é o que é misterioso, no sentido espiritual. Misticismo é a tendência exagerada para crenças no que é misterioso e espiritualmente considerado sobrenatural, é a superstição, é a prática do animismo. Animismo é a tendência para se considerar todos os seres da natureza como dotados de vida e capazes de agir conforme uma finalidade; é a prática de religiões primitivas, com crenças em espíritos bons ou maus, que governam e interferem em todos os elementos da natureza.

A ORIGEM DO MISTICISMO

O misticismo se originou no homem em um conjunto de sentimentos inerentes ao homem, e em práticas e situações religiosas, que são, principalmente, os seguintes:

1. *Sentimento da existência de outra realidade além da que o homem vive* Salmo 139.8. A existência de Deus é uma realidade espiritual que foi revelada ao homem pessoalmente pelo Criador nos primórdios da humanidade, depois através das Escrituras e faz parte do sentimento natural do

homem. O salmista se refere a este fato. Mas a humanidade, de um modo geral, se afastou de Deus e, continuando com o sentimento da Sua existência e Sua onipresença, perdeu a idéia de quem seja, de fato e começou a criar idéias a respeito de seres espirituais que se somariam ou substituiriam a existência de Deus em seus corações.

2. *Necessidade de comunhão com um ser divino, poderoso* Êxodo 32.1-8. Criado por Deus, o homem necessita dos cuidados dEle. Tendo abandonado Deus, o homem continuou tendo o sentimento de necessidade de ser cuidado por um ser superior a ele próprio. Fez substituições conforme a limitação da mente marcada pelo pecado, pela rejeição ao Criador e criou para si deuses conforme suas idealizações.

3. *Falta de conhecimento da revelação de Deus a respeito das coisas espirituais* Mateus 22.29. As Escrituras revelam a natureza e o caráter de Deus. Não conhecendo as Escrituras, propositalmente ou não, o homem não tem condições de conhecer as coisas de Deus, as coisas espirituais e segue errando, criando seus próprios princípios e idéias.

ELEMENTOS DO MISTICISMO

Estudiosos de religiões classificaram os principais elementos do misticismo nas religiões, que são comuns a quase todas as religiões fora do cristianismo. **a) Mana** - É a idéia de uma força impessoal que estaria em todos os elementos da natureza, dando-lhes vida, animando-os, dando-lhes movimento. **b) Xamã** - Indivíduo considerado detentor de poderes especiais recebidos de divindades ou seres espirituais. Mantém o domínio religioso no grupo através do medo, uma vez que é olhado como capaz de fazer o bem e o mal. É quem realiza os rituais de magia nas religiões místicas. **c) Fetiche** - Objeto ou elemento da natureza, do qual emanaria algum tipo de poder sobrenatural que adviria naturalmente ou após algum tipo de ritual no qual o xamã conferiria poder àquele elemento. Normalmente utilizado para produzir um bem ou um mal a alguma pessoa. O fetichismo é o culto a esses objetos ou elementos. **d) Totem** - Objeto construído, quase sempre de madeira, que é venerado como um ídolo protetor contra os maus espíritos. **e) Tabus** - Atos e costumes proibidos (geralmente pelo xamã) que trariam maldições sobre quem rompesse com eles, praticando o que é proibido. São passados de geração em geração e, normalmente, os indivíduos os têm arraigados em seus costumes sem saberem nem mesmo a origem. São obedecidos irrestritamente sem

questionamentos. **f) Rituais de purificação** - Práticas religiosas indicadas ou lideradas pelos xamãs que visam a purificação espiritual do indivíduo. Normalmente são ritos que contêm elementos penitenciais. **g) Necrolatria** - Veneração aos mortos em rituais e cultos onde são invocados, inclusive com o objetivo de angariar sua proteção e intermediação com as divindades ou seres espirituais.

O CULTO CRISTÃO TEM QUE SER ISENTO DE MISTICISMO

A sociedade com a qual convivemos está imergindo cada vez mais no misticismo. Há um progresso científico e tecnológico tremendo, mas há, em contrapartida, um retrocesso religioso acelerado. Vindo dessa sociedade, há infiltração de um misticismo intenso nos cultos realizados em igrejas evangélicas e, principalmente, em igrejas neo-pentecostais. Elementos de misticismo estão presentes, são utilizados e incentivados constantemente. A título de exemplificação, podemos citar pelo menos três que são os mais constantes: **a) Líderes que assumem posicionamento de xamãs** - São olhados como seres poderosos, que têm ligação direta com Deus mais do que outros crentes em Cristo. São procurados para fazerem orações poderosas, para abençoarem pessoas, para ministrarem sacramentos, para desvendarem mistérios. Alguns chegam mesmo a ameaçar seus liderados com maldições, tal como um pastor de

juízo e o amor de Deus, apesar de manterem uma aparência de correção religiosa através da entrega fiel dos seus dízimos. Alguns dizem que no texto Jesus estava reprovando aqueles homens por entregarem os dízimos, mas não é verdade. Notamos que Jesus os alertou para a necessidade de valorizarem o juízo de Deus que era manifestado exatamente em quem eles desprezavam, Jesus Cristo; a misericórdia que seria a manifestação de uma autêntica comunhão com Deus; e a fé que seria a vivência e dependência total dos princípios divinos. Mas também alertou para a necessidade de **darem continuidade à entrega dos dízimos**. Ele disse: *"Importava fazer estas coisas (prezar o juízo e o amor de Deus), e não deixar as outras"* (não deixar de entregar os dízimos de tudo).

Alguns poderiam argumentar que Jesus está dando esta ordem aos fariseus, e não a nós. Mas convém lembrar que no Sermão do Monte, em ensino público e não restrito a um grupo, Jesus disse que *"se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus"* (Mt. 5.20).

Se ficarmos aquém dos fariseus no espírito e prática da religião que abraçamos, se ficarmos aquém deles inclusive na entrega dos dízimos, estaremos dando provas de falsas crenças a respeito do cristianismo, uma vez

que parecerá que a nossa religião produz frutos inferiores à deles.

JESUS ORDENOU O SUSTENTO DOS QUE SE DEDICAM AO MINISTÉRIO DA PREGAÇÃO

Mt 10.11; Lc 10.7; 1Co 9.14.

É impressionante como o endurecimento do povo de Deus para a doutrina do dízimo tem impedido o avanço do Evangelho. Quantos obreiros poderiam se dedicar integralmente à pregação da Palavra de Deus, se os crentes se despertassem para o fato de que Jesus ordenou o sustento daqueles que vivem da pregação do Evangelho.

Nos textos indicados inicialmente (evangelhos de Mateus e Lucas) vamos encontrar Jesus traçando diretrizes para o trabalho da evangelização e uma das diretrizes é exatamente o sustento daqueles que saíram a pregar pelos caminhos e cidades!

No texto da carta do apóstolo Paulo aos Coríntios, encontramos uma referência à **ordem** de Jesus de que os anunciantes do Evangelho vivam do Evangelho. Nos versículos anteriores encontramos advertências para que não fossem impedidos os que viviam da pregação, pela falta de sustento. É exatamente o que diz o versículo 8. No versículo 13, o apóstolo mostra a continuidade do que existia no

mas ele ensinou que ela deve ser trazida e apresentada a Deus.

Não há referência ao tipo de oferta, e muitos poderiam pensar que o Senhor está falando somente de uma oferta sem especificação, que (os oponentes ao dízimo sempre tendem para este pensamento) poderia ser menor que o dízimo. Mas sabemos que no Velho Testamento (ver Núm. 18:24) o dízimo também é chamado de oferta alçada. Portanto, naquele trecho do Sermão do Monte Jesus está falando de ofertas no sentido amplo, englobando tanto o dízimo quanto a oferta voluntária.

Ainda outro aspecto que precisa ser observado é que, no costume dos judeus, as ofertas não seriam apresentadas como uma opção para quem não "podia" entregar o dízimo, mas eram quantias dedicadas a Deus que estavam *além* do dízimo. Ou seja, a pessoa entregava o dízimo e ainda entregava uma oferta a mais.

Depois, estudando o texto de Marcos 12:41-44, encontramos Jesus observando a prática do dízimo e das ofertas pelo povo judeu, que vinha à arca do tesouro, e aproveitando para proferir ensinamentos a respeito da prática do dízimo e das ofertas. Perceberemos que:

1. Jesus não impediu os que ofertavam ou dizimavam de

executar seus intentos. Jesus não aproveitou a ocasião para proferir ensinamentos contrários à prática, mas, em sua observação silenciosa, permitia que continuassem. Existe um ditado popular que diz que "quem cala consente", e sabemos que não era característico de Jesus se calar quando algo errado estava sendo levado a efeito com relação a tudo que se relacionava com o reino de Deus.

2. Jesus testemunhou da fidelidade de quem entregou muito além do dízimo. Quando quebrou o silêncio, foi para testemunhar da fidelidade de quem havia entregue tudo o que possuía! É interessante notarmos que ele não impediu a mulher dizendo que não precisava ofertar porque ela era muito pobre, porque era alguém que necessitava de beneficência. Jesus tanto permitiu, quanto exaltou a atitude da mulher.

Na prática do cristianismo não importam os raciocínios humanos, importam os ensinamentos e reconhecimentos de Jesus. E ele reconheceu e exaltou a prática dos dízimos e das ofertas.

JESUS DETERMINOU A CONTINUIDADE DA PRÁTICA DO DÍZIMO

Mat. 23.23; Luc. 11.42

Jesus estava censurando os fariseus pela maldade que havia em seus corações, por desprezarem o

uma igreja batista no Rio de Janeiro que afirmou de púlpito que os membros de sua igreja que não concordaram com alguma idéia sua, ficariam com câncer na garganta. Abençoam recém nascidos, locais de trabalho, casas, casamentos; avisam de maldições ou enfermidades que estariam sobre pessoas etc. **b) Fetiches são utilizados em cultos** copos de água que passam a "surtir algum efeito" depois que o "pastor" ora com o copo na sua própria mão e incentivam os que ouvem sua oração a beberem da água também; vidrinhos com "água do rio Jordão" são vendidos e utilizados como elementos poderosos de cura e resolução de problemas; óleos que são ungidos por "pastores" também são utilizados; fitinhas são vendidas para serem colocadas em braços, como proteção espiritual etc. **c) Crentes são incentivados a praticarem rituais de purificação** O batismo tem sido ministrado como um ato de purificação espi-ritual, como se a água fosse um elemento poderoso para essa finalidade (vimos no estudo anterior que a origem dessa idéia está no paganismo babilônico, onde era venerado um deus da água, elemento considerado poderoso para a purificação da alma); o jejum, completamente diferente do que foi requerido por Deus no Velho Testamento, que era a aflição da alma, que era a manifestação de entristecimento, tem sido requerido dos crentes como um ato de penitência que teria o poder de purificar a alma, conferindo poder espiritual.

No cristianismo não pode haver todo este misticismo, principalmente, porque:

1. O cristianismo aproxima o homem de Deus João 14:1-6; Efésios 2:13-18; Heb 4.14-16. Se o misticismo é característico de pessoas afastadas de Deus e sem conhecimento da verdade espiritual a respeito dEle e tudo o que o cerca, o crente em Cristo é levado diretamente a Deus, recebe os ensinamentos dEle através das Escrituras e não pode mais viver, naturalmente, na ignorância espi-ritual (Efésios 4.17-24; 1Pedro 1.13-16).

2. Porque no cristianismo não existem xamãs - Jeremias 3:15; Atos 17.1; 20.17,28; Heb 13.7,17. No cristianismo não há lugar para homens presunçosos, que gostam fomentar para si uma autoridade baseada em credices e misticismos (Atos 8.9-13, 18-24). Existem pastores, ou bispos, ou presbíteros, que têm uma função especial estabelecida pelo próprio Deus e não por si próprios ou outras pessoas. Não são seres mais poderosos que outros crentes, porque o poder é de Jesus Cristo (Mat.28.18) e qualquer crente é somente instrumento dele. No cristianismo a oração é válida para qualquer pessoa que tenha fé em Jesus Cristo e que peça a Deus, em nome dele (João 14.13). Qualquer crente em Cristo tem acesso direto a Deus, tendo o Senhor Jesus como seu mediador (Colossenses 1:13-21). O pastor é um líder no sentido de ter a função de apontar o caminho para o rebanho de Cristo e este caminho está registrado nas Escrituras, que deve ser pregada a

tempo e fora de tempo (2Timóteo 4.2-5). A respeito da função do pastor pode ser lido em A Doutrina Bíblica da Igreja, de publicação desta editora.

3. No cristianismo não existem fetiches - No cristianismo não tem ensinamento algum que leve o crente a crer em objetos com poder, porque o poder de Deus para o crente, que o vivifica, está na Palavra de Deus que deve ser interiorizada em seu coração (Salmo 119:93). Além disso, não podemos colocar a nossa fé em objetos, mas somente em Jesus Cristo, porque por ele, temos paz com Deus (Rom. 5:1), porque pela fé nele temos entrada à graça divina (Rom. 5.2) e, finalmente, porque o Evangelho é o poder de Deus (Rom 1.16) e não pode ser substituído por nada neste imenso universo.

4. No cristianismo não existem rituais de purificação - A água no batismo não tem a finalidade de purificar ninguém espiritualmente, porque o que purifica o homem é o sacrifício de Jesus (1João 1:7). É apenas um elemento simbólico da regeneração, do novo nascimento, e um ato de obediência ao Senhor Jesus (Marcos 1:16). Quanto ao jejum, os discípulos de Jesus não jejuavam (Mat 9:14), Jesus disse que a sua presença faz com que seus discípulos não jejem (Mat 9:15) e que o jejum faz parte do Velho Pacto (Mat. 9:16,17). Nunca deixou nenhuma ordem para o jejum penitencial com objetivo de alcançar poder e, quando fez referência ao jejum o fez no sentido de entristecimento da alma (Mat.

9:15; 17:21). A respeito do assunto, ler O Sermão do Monte, publicado por esta editora, páginas 29 a 32.

CONCLUINDO

Elementos do misticismo têm entrado em nosso meio, mas não pode ser assim. Isto é uma artimanha sutil de Satanás para levar os crentes às mesmas práticas do paganismo, desvirtuando, assim, a fé que devemos ter somente em Jesus Cristo. Não podemos andar segundo o curso deste mundo, conforme o príncipe das potestades do ar. Temos que viver reconhecendo que nada no cristianismo vem por meio das obras, porém pela fé em Jesus Cristo e que no cristianismo ninguém pode se gloriar pelas suas obras (Ef. 2:9) porque elas são nada, diante de Deus.

Ninguém e nada deve ocupar o lugar de Jesus Cristo; e suas ordenanças não podem servir de fetiches ou rituais de purificação, ou tabus. Móveis e objetos de casas de reuniões das igrejas não podem ser totens nem se pode praticar a necrolatria porque somente a Deus se deve prestar culto. Se o crente se deixar levar pelo misticismo, estará retornando à ignorância espiritual daqueles que não têm Cristo como Salvador.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Efésios 2:1-10;
Terça - Efésios 4.17-24;
Quarta - 1Pedro 1.13-16
Quinta - Salmo 138
Sexta - Êxodo 32.1-8.
Sábado - Atos 8.9-13,18-24

Estudo 11

A MORDOMIA DO DÍZIMO - II

Textos bíblicos: Mt 5.23,24; 10.11; 23.23; Mr 12.41-44; Lc 10.7; 11.42; 1Co 9.1-14

Já dissemos no estudo anterior que existem pessoas que se levantam contra a doutrina do dízimo e contra mensagens que envolvam a pregação da necessidade de contribuição financeira para o sustento das igrejas. Propositadamente, porém, não enfatizamos que existem pessoas que assim se levantam contra a doutrina do dízimo, alegando não existir base no Novo Testamento para a prática do dízimo e que Jesus e seus apóstolos nunca ensinaram ou falaram a respeito ou enfatizaram muito a respeito de dinheiro.

É propósito neste estudo mostrar que estão totalmente enganados os que assim pensam e afirmam, uma vez que o assunto era frequentemente mencionado pelo Mestre e que fazia parte do cotidiano daquele grupo. Os Evangelhos registram pelo menos 90 referências de Jesus a respeito de dinheiro. No Sermão do Monte, 22 versículos são referentes a dinheiro e das 49 parábolas

de Jesus, vinte e quatro mencionam dinheiro.

Com sinceridade de coração, tiremos de alguns destes textos, lições neo-testamentárias que nos levarão a uma melhor compreensão da necessidade que temos de praticarmos a doutrina do dízimo também dentro do cristianismo.

JESUS RECONHECE A PRÁTICA DAS OFERTAS

Mat. 5:23,24; Mc. 12:41-44.

Observando o texto de Mateus 5:23,24, vamos ter a certeza de que Jesus reconhecia como algo bastante natural a prática da oferta e de que, sem sombras de dúvidas, aponta a necessidade da sua entrega, quando ensina às pessoas a primeiramente se reconciliarem com o irmão e, depois, a **apresentarem** a oferta. Jesus não ensinou que seus discípulos deveriam se reconciliar com os irmãos porque isto seria mais importante que a entrega da oferta,

servos (3:11). Bênçãos que são visíveis até mesmo pelos não tementes a Deus (3:12). Bênçãos que são empenhadas pela palavra do próprio Deus, que desafia aos seus servos: "Fazei prova de mim..."

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Assim como Deus tem planos para toda a sua criação, tem também um plano financeiro para o sustento do seu reino. E nós estamos incluídos nele como seus administradores.

2. Enquanto o crente não se compenetrar de que Deus é possuidor de todas as coisas, terá sempre dificuldades em ser fiel às coisas de Deus.

3. Quando o dízimo é entregue em espírito de adoração e culto a Deus, ganha um grande significado para a nossa alma: o significado de algo que é consagrado, separado para a glória de Deus.

4. A profunda experiência religiosa com Cristo sempre traz uma grande disposição de cooperação material com o sustento da obra de evangelização.

5. Sabedor da importância do sustento da obra de Deus aqui no mundo através do dízimo, Satanás não tem poupado esforços em zombar e denegrir tão importante instituição divina. Crentes que se deixam levar pela campanha satânica, acabam sendo cooperado-

radores do inimigo de Deus e de toda a sua criação.

6. No mundo sem Cristo pessoas gastam muito dinheiro com vícios, imoralidades, práticas de feitiçaria, coisas que aviltam o ser humano. Como o crente se dobraria aos argumentos e zombarias de tais pessoas e deixaria de entregar a Deus a sua demonstração de gratidão e louvor pela vida liberta do pecado? Por que deixaria de aplicar seus bens naquilo que constrói o ser humano?

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gên. 14:18-24. Abraão entrega o dízimo de tudo a Melquizedeque.

Terça - Lev. 27:28-34. O dever de dizimar.

Quarta - Núm. 18:20-32. A finalidade do dízimo.

Quinta - Neem. 10:34-39. O dízimo é restaurado em Israel para o sustento da casa de Deus.

Sexta - Neem. 13:10-13. O culto estava sacrificado em Israel porque o povo não entregava o dízimo e os levitas não tinham sustento.

Sábado - Ageu 1:1-11. O povo de Deus sofria males materiais, porque deixava o sustento da casa de Deus de lado.

Domingo - Mal. 3:7-12. Deus conclama seu povo a entregar os dízimos, e promete bênçãos incontáveis a quem obedecer com fidelidade.

Estudo 3

A IDOLATRIA E O CULTO

Textos básicos: Êxodo 20:3-5; 23:24; Deut. 4:19; Rom. 12:1,2

Idolatria é o culto prestado a ídolos; e ídolo (do grego *eidolon*) é, conforme Aurélio Buarque de Holanda, "estátua ou simples objeto cultuado como deus ou deusa; objeto no qual se julga habitar um espírito, e por isso venerado; pessoa a quem se tributa respeito ou afeto excessivo". Culto é adoração, veneração, reverência, prestada a um ser, entidade ou objeto que se julgue superior ao que cultua.

Há cultos idolátricos em todas as religiões e, ao que parece, surgiram no seio da humanidade na região da Mesopotâmia, cerca de 4.000 anos antes de Cristo, através dos sumérios, habitantes da Babilônia inferior (Unger, Merrill F. *Arqueologia do Velho Testamento*, São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1980, pág. 52). A Bíblia fala de Ninrode como sendo um homem de muito poder que formou reinos para si, à partir de Babel, e a arqueologia tem mostrado que em suas cidades começaram a existir cultos idolátricos a diversos deuses criados em suas imaginações. Para se ter uma idéia do resultado da idolatria iniciada por Ninrode, no século sétimo A.C., em Nínive, existia uma

lista de mais de 2.500 nomes de divindades.

Conforme o Padre Waldomiro O. Piazza, em sua obra *Religiões da Humanidade*, editada por Edições Loyola, São Paulo, 1977, os principais deuses eram: 1) **Anu**, considerado o deus-céu, o Deus Supremo. É interessante observar que não existiam imagens dele e durante muito tempo não tinha templo, até que se construiu um santuário na cidade de Uruque. 2) **Istar**, seria filha de Anu, considerada **virgem e pura**, mas também considerada a grande esposa de Anu e a **rainha dos céus** (ver Jeremias 7:18; 44:17-19,25). É a **Astarte** dos povos semitas e a **Astargis** dos sírios (pág. 71-73). Aníbal Pereira dos Reis, Doutor em Teologia e ex-padre, em seu opúsculo *O Sinal da Besta*, editado por Edições Caminho de Damasco, São Paulo, 1980, identifica Istar com Semíramis, esposa de Ninrode, que criou a lenda da ressurreição de seu filho, Tammuz, após ter sido morto por um javali e deu origem a um culto à sua ressurreição (ver Ezequiel 8:14). O Dr. Aníbal Reis e outros autores ainda interligam Istar com **Afrodite**

(deusa grega) e com **Vênus** (deusa romana) por causa de sincretismos religiosos. 3) **Enki**, deus das águas e da sabedoria, era considerado um deus benéfico à humanidade, pois a água era considerada uma potência mágica que curava doenças e lavava os pecados. Estes três, formavam a tríade divina de principal veneração pelos babilônicos.

Observe-se que a partir daí, o homem desenvolveu a crença em muitos deuses e desenvolveu cultos às divindades que foi criando. Deve ser observado, também, que a idolatria se alastrou conforme os povos foram influenciando outros e dominando-os fazendo uma interligação de cultos idolátricos que se estenderam até os dias atuais, mudando-se apenas os nomes dos objetos de culto. E, finalmente, devemos observar que a idolatria teve início em uma sensação de poder pessoal com auto-glorificação e rebeldia contra a autoridade divina. Merril F. Unger diz que a “rebelião contra a autoridade divina, e a pretensão de poder imperial, que pertence só a Deus, é o espírito de idolatria”. (Op.cit, pág 52)

E em nossos cultos, não poderíamos estar praticando a idolatria ao invés de estarmos adorando somente a Deus, em suas manifestações individualizadas nas pessoas do Filho e do Espírito Santo? É claro que sim. Tanto quanto o homem se rebelou contra Deus no passado, continua se rebelando na atualidade e criando cultos que

fogem completamente do objetivo de se adorar somente ao Senhor.

Vejamos quando podemos estar praticando cultos idolátricos.

PRATICAMOS CULTOS IDOLÁTRICOS QUANDO ASSIMILAMOS CULTURAS RELIGIOSAS PAGÃS

Êxodo 20:5; 23.24

Quando seu povo estava iniciando a peregrinação rumo à terra de Canaã, após sair do Egito, Deus estabeleceu vários mandamentos para serem observados com rigor e o primeiro deles é que não deveriam ter outros deuses para si, a não ser Ele próprio, o Deus verdadeiro e único. Informou que os estaria conduzindo a terras habitadas por povos adoradores de uma infinidade de deuses falsos e determinou que, além de não se juntarem a eles em cultos aos seus deuses, deveriam destruir os seus ídolos. Pela narrativa do Velho Testamento, sabemos que isso não aconteceu e que o povo de Deus assimilou culturas religiosas pagãs e, ainda por cima, trouxe ídolos para dentro de seus territórios e os cultuou.

A humanidade hoje também crê em muitos deuses e habitamos no meio dela. Não somos seres de outro mundo. Mas temos que nos conscientizarmos que não podemos assimilar seus costumes e crenças, que não podemos tolerar em nosso meio o que é de origem pagã. A tolerância traz o enfraquecimento da convicção de que há um só Deus e

adoração. E o servo de Deus exteriorizou a sua adoração em uma atitude que manifestava a entrega total. O ato religioso de Abraão foi a entrega das primícias de todos os bens que estavam em seu poder.

AIMPORTÂNCIA DO DÍZIMO

No planejamento divino para a expansão do seu reino, o dízimo ocupa importância destacada. No Velho Testamento os levitas cuidavam da manutenção do templo e do culto e não podiam se ocupar em outras atividades que lhes produzisse o necessário para o sustento. Quando aconteceu a partilha da terra de Canaã entre as tribos do povo de Israel, a tribo de Levi não recebeu qualquer herança, nem sequer um pedacinho de terra para que pudessem arar ou criar algum tipo de gado. Isto porque não poderiam cuidar da terra e nem de rebanhos, uma vez que ficaram responsáveis pela administração da casa de Deus e pela administração dos rituais do culto (Nm 1:47-54; 7:1-6; Js 21:1-3). Como tais, eram os recebedores dos dízimos para o sustento próprio e para o sustento da casa de Deus. Isto é confirmado por Deus através do seu último profeta no Velho Testamento, Malaquias, quando diz da necessidade de que sejam trazidos todos os dízimos à casa do tesouro para que houvesse manutenção em sua casa.

Quando o povo parou de entregar os dízimos e ofertas, Deus usou de palavras duras, dizendo que seu povo o estava **roubando**. O texto de Mal 3.7-12 mostra pelo menos dois aspectos da importância do dízimo:

1. O sustento da casa de Deus.

Quando o povo de Israel voltou do cativeiro babilônico e Neemias estava restaurando os muros de Jerusalém, também foram restabelecidos os dízimos para que não houvesse o desamparo da casa de Deus (Neem 10:35-39; 13:10-12). Os que ministram na casa de Deus precisam de sustento uma vez que se dedicam exclusivamente à manutenção do culto, da casa de Deus.

2. O do sustento pessoal. É impressionante como Deus afirma o aspecto espiritual do dízimo, atuando na vida material dos seus servos. É Deus quem afirma que seus servos são **amaldiçoados** por não serem dizimistas e ofertantes (ver, também, Ageu 1:6). Amaldiçoados por roubarem o próprio Deus! Mas também é o próprio Deus quem garante bênçãos incontáveis sobre os que são fiéis na entrega de **todos** os dízimos (Mal. 3:10). Janelas do céu abertas simbolizam um dilúvio de bênçãos (Gên. 7:11). Bênçãos que resultam em abundância, bênçãos que resultam na repreensão por parte de Deus ao que devora o sustento dos seus

Gen. 14:18-24, podemos crer que a **origem do dízimo seja tão antiga quanto a história da humanidade, assim como o culto sacrificial, onde as primícias e os primogênitos dos animais eram dedicados a Deus** (Gn 4:4). Quem teria ensinado Abel e Caim a praticarem o culto a Deus? Quem teria ensinado a Abraão a entregar o dízimo de tudo que possuía?

Baseados neste texto podemos perceber algumas verdades a respeito do dízimo e da sua origem.

1. Era um costume já estabelecido nos tempos de Abraão. A naturalidade da entrega dos dízimos assim demonstra. Deus não precisou aparecer novamente a Abraão e não precisou ensinar-lhe àquele respeito. Pelo contrário. Fica bastante claro no texto que Abraão, ao se encontrar com o sacerdote, já sabia qual a atitude que deveria tomar com respeito aos seus bens e a tomou naturalmente como quem pratica um ato já bastante conhecido do qual estava bastante familiarizado..

2. Era um costume voluntário. Não é dito que Melquisedeque requereu o dízimo de Abraão, mas diz que Abraão lhe deu o dízimo de tudo. Podemos perceber que desde aquele tempo o dízimo não tinha um aspecto de obrigatoriedade mas um aspecto de voluntariedade. Aliás nenhum aspecto de qualquer manifestação de culto a Deus tem o sentido de obrigatoriedade.

Mas um aspecto bastante interessante dessa voluntariedade deve ser observado no ato de Abraão e é que ele não entregou o dízimo de uma parte dos seus bens, **mas o dízimo de tudo.**

3. É um ato de reconhecimento da propriedade divina. Desde a sua origem mais remota o dízimo traz em si a idéia de mordomia na essência da palavra, ou seja, da devolução de algo que não pertence ao servo mas ao Senhor. Abraão declarou ao rei de Sodoma: "Levantei minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, **o possuidor dos céus e da terra**". Abraão tinha conhecimento de que, na realidade, todas as coisas que estavam sob sua guarda pertenciam a Deus.

4. É um ato de gratidão. Somente pessoas gratas a Deus podem ser dizimistas de coração. Abraão entregou o dízimo após o sacerdote declarar que Deus havia entregue os inimigos nas mãos do seu servo. Abraão estava grato a Deus pela vitória que lhe havia garantido. Ele não entregou o dízimo antes, como quem está comprando o auxílio divino, mas entregou depois, como alguém que reconheceu o auxílio divino como uma dádiva, como uma graça recebida.

5. É um ato de adoração. Abraão entregou seus dízimos ao sacerdote do Deus Altíssimo. O sacerdote era aquele que servia de intermediário entre Deus e o homem na realização do culto, no exercício da

que somente Ele pode ser cultuado, que somente Ele é merecedor da nossa adoração.

Quanta coisa há em nossos cultos que têm origem no paganismo e são resultado de sincretismos religiosos e que nos fazem cultuar muito mais a objetos, pessoas e instituições do que ao próprio Deus?

PRATICAMOS CULTOS IDOLÁTRICOS QUANDO VENERAMOS DEUSES ALÉM DO DEUS VERDADEIRO

Êxodo 20:3

Observe-se que os sumérios, durante muito tempo, continuaram venerando ao Deus Supremo, de quem nunca fizeram qualquer imagem para representar. Tinham noção da existência e importância do Deus verdadeiro mas acrescentaram à sua crenças outros deuses que consideravam menores, mas que cultuavam até mesmo com mais fervor.

Quando estabeleceu seus mandamentos ao seu povo, Deus determinou que não tivessem outros deuses diante dEle. Seu povo desobedeceu e continuou adorando-o, mas também adorando a outros deuses e dando-lhes maior valor porque eram imagens visíveis, que podiam tocar e se curvar diante delas. Os que foram trazidos de outros povos pelos assírios e foram colocados em Samaria, trouxeram seus deuses consigo e os samaritanos passaram a adorar aqueles deuses e **também** a Jeová

(2Reis 17:29-32), praticando cultos misturados a Deus e a deuses falsos.

O catolicismo romano venera ao Deus verdadeiro, mas venera também a outros “deuses”, tais como Maria e uma infinidade de “santos”. Nós cultuamos ao Deus verdadeiro, mas não estaríamos, também, cultuando a outros “deuses”?

PRATICAMOS CULTOS IDOLÁTRICOS QUANDO VENERAMOS A NATUREZA COMO SE FOSSE UMA DIVINDADE - Deuter.4:19

O culto à natureza está em moda nos nossos dias. Mas sempre foi uma tendência do homem cultuar a criação em lugar do Criador. Logo o homem começou a adorar os céus, a Lua, o Sol, os animais, o próprio homem. Montes e bosques passaram a ser venerados como se fossem verdadeiros deuses.

O povo de Deus passara muito tempo no Egito onde os elementos da natureza eram adorados e agora estaria entrando em uma terra onde seus habitantes agiam da mesma maneira. Sabedor das tendências humanas pra o pecado, o Senhor alerta para não se deixarem seduzir pelo desejo de adorar a natureza.

Há uma sedução encantadora em elementos naturais que têm uma grandiosidade e o homem facilmente deixa de ser superior à natureza e se coloca como se fosse inferior a ela. Chega mesmo a chamá-la de “mãe natureza”.

PRATICAMOS CULTOS IDOLÁTRICOS QUANDO NOS SENTIMOS MAIS IMPORTANTES QUE DEUS

Romanos 12:1,2

Prestar culto a Deus, quando verdadeiro, é uma experiência em que desfrutamos da boa e perfeita vontade de Deus para conosco. Mas, para isso, é necessário que o homem se apresente a Deus, entregando-lhe completamente o seu próprio ser, abandonando suas misérias e pecados, deixando-se purificar através do arrependimento e confissão dos pecados, pelo sangue do Senhor Jesus Cristo.

Mas o homem, influenciado pelo mundo que é dominado pelo maligno, tem dificuldades extremas em se reconhecer pecador, de abandonar seus pecados, de se deixar purificar pelo sacrifício de Jesus. Na sua revolta contra Deus tornou-se orgulhoso, soberbo e tem dificuldade de reconhecer e confessar os seus pecados e se entregar totalmente a Ele. Por isso o apóstolo Paulo, escrevendo aos crentes de Roma, faz um veemente apelo para que se apresentassem a Deus em um culto racional e agradável a Ele. Só assim desfrutariam do seu amor.

A História mostra que não aconteceu assim. Os crentes de Roma, aos poucos, foram dando lugar ao orgulho, à soberba pessoal e aquela igreja, antes fiel a Cristo, passou a ser um marco de idolatria dentro do cristianismo. Homens foram engendrando idéias religio-

sas e conceitos religiosos pessoais e herdados de outros povos, que ocuparam a Palavra de Deus e sobrepujaram a própria pessoa de Deus.

Alguém criou um termo interessante que reflete bem o que acontece quando o homem se coloca acima de Deus em um culto: **egolatria**. E tem razão, porque o próprio homem passa a se adorar, passa a ser o centro do culto, tudo passa a girar em torno dele ou de suas idéias pessoais.

CONCLUSÃO

Muitas coisas podem se tornar ídolos para um adorador. Uma imagem de escultura, a memória de uma pessoa, um animal, uma pessoa, um objeto, elementos da natureza e, até mesmo, o dinheiro. Tudo isso pode ser venerado pelo homem e pode se tornar um deus para ele.

Um culto, para ser verdadeiro, precisa ser dirigido ao único Deus e a idolatria não pode ser inserida nele de forma alguma. Seja por rejeição a Deus ou aos seus mandamentos, seja por influências externas ou seja pela valorização exagerada de alguém, colocado acima de Deus. Ele, somente ele pode ser cultuado.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Êxodo 20:1-6

Terça - Êxodo 23:20-33

Quarta - Deuteronômio 4:1-19

Quinta - Juízes 3:1-7

Sexta - 2Reis 17:24-32

Sábado - Romanos 12:1-21

Estudo 10

A MORDOMIA DO DÍZIMO - I

Textos bíblicos: Gênesis 14.18-24; Malaquias 3.7-12

A ORIGEM DO DÍZIMO

Há uma idéia defendida pelos opositores à doutrina do dízimo que esta é uma doutrina da Lei de Moisés, do Velho Testamento e que, portanto, não deve ser observada pelas igrejas de Jesus Cristo.

Buscando na Bíblia a origem do dízimo, perceberemos que o dízimo não se originou na Lei de Moisés, mas que já era praticado por pessoas tementes a Deus muito antes de existir o povo de Israel e, logicamente, muito antes de existir a Lei que foi entregue por Deus à Moisés.

Não existe na Bíblia uma referência específica sobre a origem da prática de se entregar a Deus a décima parte dos bens possuídos. Sabemos através da história da humanidade que em muitas nações da antiguidade havia o costume de se pagar o dízimo às divindades, como, por exemplo, na Babilônia, na Grécia, em Roma, entre os árabes, na Pérsia, etc.

Baseados na primeira narrativa bíblica a respeito do dízimo, em

Chegamos agora ao estudo de uma parte da mordomia cristã que tem sido bastante controvertida. Pessoas não evangélicas e evangélicas, pertencentes a seitas, ou religiões, têm criticado e deturpado a doutrina do dízimo. Nas igrejas sempre encontramos pessoas que são francamente contrárias à doutrina do dízimo e que, ainda ficam a buscar argumentos para fundamentarem suas idéias e a criticarem aqueles que se posicionam positiva e firmemente à favor da doutrina. Encontramos também muitos crentes sinceros porém inseguros que, ao serem criticados, sentem-se acuados e entram em atitudes defensivas ou deixam de dedicar seus dízimos e ofertas ao Senhor, deixando-se convencer pelos incrédulos e perdem o privilégio da participação neste aspecto da mordomia.

É objetivo deste estudo demonstrar que o dízimo é um princípio bíblico, portanto divino, e mostrar a importância dessa mordomia para o reino de Deus e para a vida espiritual de cada servo seu.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Pessoas que praticam religiões pagãs e idolátricas não têm qualquer constrangimento em se entregarem totalmente aos seus princípios religiosos. Dedicam grandes quantias para entidades demoníacas e às vezes dedicam até mesmo vidas de entes queridos, mas criticam veementemente quando um crente se entrega a Deus e contribui para o sustento da sua obra. Por que nos dobraríamos a tais acusações e deixaríamos de participar do sustento da igreja de Cristo?

2. Pessoas que se dizem crentes mas que continuam apegadas aos bens materiais, precisam rever suas vidas. Teriam realmente se entregado a Jesus Cristo? Dependeriam totalmente dele?

3. Nossas ofertas têm sido demonstração de amor ou de avareza? Com quanto você contribuiu para o sustento da obra missionária no mundo? Sua oferta foi uma demonstração de preocupação com as almas perdidas ou foi uma demonstração de preocupação com o "seu" dinheiro? Foi proporcional aos seus bens ou foi proporcional à sua avareza?

4. Quando abrimos nossos corações e semeamos muito, muitas almas serão ceifadas para a alegria eterna.

Quando fechamos nossos corações, muitos perecem sem Cristo e sem salvação.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 20. O salmista ora pedindo que Deus se recorde de todas as ofertas oferecidas.

Terça - Isa 11-18. Deus avisa ao seu povo que de nada adiantam as ofertas se o povo não viver em comunhão entre si e em sinceridade para com Deus.

Quarta - Mal 3.1-6. Deus conclama o povo a trazer ofertas em justiça e promete ser uma testemunha veloz contra os que pecam contra Deus e contra o próximo.

Quinta - Mat 2:1-11 Homens ofertam bens ao adorarem Jesus, no seu nascimento.

Sexta - 2Cor 8. O apóstolo Paulo conclama os crentes de Corinto a ofertarem em favor dos judeus pobres.

Sábado - 2Cor 9. Paulo garante que haverá recursos para os coríntios porque Deus lhes suprirá além do que ofertaram

Domingo - Fil 4.10-19. O apóstolo Paulo declara sua satisfação pela oferta que recebeu dos crentes

Estudo 4

A MÚSICA NO CULTO

Textos básicos: *Salmo 40:3; Apocalipse 14:3; Salmo 116:1-9*

A música, ao contrário do que muitos pensam hoje, não é uma dádiva de Deus direta a algumas pessoas especiais, escolhidas por Ele, não é um dom do Espírito Santo a crentes em Cristo (aliás não se encontra esse “dom” nas relações de dons do Espírito escritas pelo apóstolo Paulo em suas cartas aos Romanos, aos Coríntios e aos Efésios). A música é uma arte tanto quanto a pintura, a escultura, o desenho, a escrita etc, e é uma aptidão natural do homem que, inclusive, passa de geração a geração. Ou seja, é uma aptidão que pode ser até mesmo hereditária. Isso pode ser provado pelo fato de encontrarmos famílias inteiras que têm aptidões para diversos tipos de arte, inclusive a música.

De um modo geral todos os homens têm alguma aptidão para a música porque já foi colocada no ser humano desde a sua criação, precisando apenas ser desenvolvida, o que é feito por uns e não por outros. É uma técnica que pode ser aprendida e desenvolvida até alcançar patamares de perfeição dependendo do esforço do indivíduo e da sua

maior ou menor aptidão natural.

Por sermos seres criados à imagem e semelhança de Deus (Gên. 1.26), é natural pensarmos que há música em Deus, e música perfeita. Esse sentimento de que há música em Deus, pode ser comprovado biblicamente, através da leitura de textos tais como **Jó 38:7** fala de estrelas emitindo música; **Jeremias 31.7**, onde lemos de Deus conclamando seu povo a cantar-lhe louvores enquanto pedisse livramento; e **Apocalipse 15:3**, onde João registra a visão dos salvos nos céus cantando hinos de louvores a Deus, e tantos outros textos onde os servos de Deus são convocados a louvá-lo com cânticos e com instrumentos musicais.

Se a música está em Deus e foi dada por Ele, na criação, ao homem, então é natural que o homem goste de música, se delicie com ela, sinta o seu espírito enlevado ao som de notas musicais. Também, se há música em Deus e Ele se agrada do louvor também através da música (deve ser observado aqui que louvar não é necessariamente cantar - ver Salmo 92.1 e outros textos), então é

lógico e certo pensarmos que a música faz parte integrante do culto a Deus. Mas, por ser a música uma arte pode fazer aflorar no homem o desejo de ser valorizado e ser aplaudido e, também, porque o pecado fez com que a criação de Deus fosse completamente degenerada, devemos ter bastante cuidado e sabedoria para que possamos desenvolver no culto e na vida pessoal atividades musicais que, de fato, louvem a Deus e exaltem o Seu nome.

Esse cuidado deve ser alicerçado em um estudo bíblico sincero e minucioso a respeito do assunto e deve ser manifestado na prática dos ensinamentos bíblicos em todos os momentos da vida do crente. Vejamos, então, alguns aspectos bíblicos a respeito da música no culto.

A MÚSICA NO CULTO DEVE SER UMA MANIFESTAÇÃO DE ALEGRIA PELO CUIDADO DE DEUS PARA COM O SEU POVO

Na Bíblia existem inúmeros textos que mostram servos de Deus cantando de alegria pelo amparo e livramento divino e inúmeros textos em que os servos de Deus são convocados a cantarem e tocarem instrumentos como manifestação dessa alegria também.

Seria impossível colocarmos e discutirmos todos aqui, mas podemos prender a atenção em alguns que destacamos.

1. Êxodo 15:1-21. Deus livrara seu

povo das garras do faraó egípcio e seu exército voraz, fazendo com que o Mar Vermelho se abrisse, desse passagem ao povo e liquidasse com os perseguidores. Moisés, juntamente com o povo manifestou a sua alegria pelo livramento, entoando um lindo hino de louvor a Deus narrando os seus feitos e Miriã, sua irmã, fazia coro e convocava o povo a cantar por causa dos feitos divinos.

2. Isaías 49:13. Nesse texto há uma profecia messiânica, onde Deus anuncia a redenção e a paz para os redimidos através daquele que seria o mediador da aliança de Deus com seu povo. Concomitante à anúncio do Redentor, há a convocação ao cântico de louvor pelo cuidado de Deus que consolou o seu povo e que se compadece dos seus aflitos.

3. Esdras 3:11. Pela ação divina através do rei Ciro da Pérsia, o povo de Deus estava deixando o cativeiro e retornando para Judá. Em Jerusalém iniciou a reconstrução do templo que fora destruído por Nabucodonosor. Ao lançar os alicerces se uniram em cântico de louvor, alegres, pela misericórdia de Deus em livrá-los do cativeiro.

4. Salmo 116:1-9. Os salmos, além de serem proféticos quando ao Messias na sua maioria, são cânticos do povo judeu do passado. Perdemos a sua música, mas ficamos com a letra dos cânticos (o que é mais importante). Neste Salmo o salmista canta louvores a Deus porque o livrou da morte, das angústias do inferno, dos laços da morte.

acima de tudo, **mas também precisa amar ao próximo como a si próprio.** O maior exemplo foi o de Jesus Cristo (v.9) que, sendo senhor de todo o universo, infinitamente rico, desprende-se de tudo e viveu aqui no mundo sem ter onde reclinar a cabeça. E isto somente por amor à nós. Se somos realmente servos de Cristo, precisamos amadurecer; se somos crentes em Cristo realmente amadurecidos, precisamos imitá-lo em todos os comportamentos e sentimentos, inclusive no abandono dos bens, em prol do bem-estar dos nossos irmãos em Cristo.

A OFERTA DEVE SER UMA MANIFESTAÇÃO DE BÊNÇÃO E NÃO DE AVAREZA - 2Cor. 9:5-7

Não seria o simples fato de os coríntios ofertarem que demonstraria amor. Uma oferta pode ser uma manifestação de desamor, dependendo da sua qualidade. A dos macedônios demonstrara amor, porque tendo pouco ofertaram muito. A da viúva pobre demonstrara amor, mas as ofertas dos ricos que entregavam do que sobrava, demonstrava avareza! Os coríntios eram ricos, habitantes de uma cidade rica onde não existiam perseguições religiosas aos cristãos. Eles estavam de posse de seus bens. Precisavam ofertar de acordo com as suas posses. Mas, acima de tudo, precisa-

vam ter a noção, o conhecimento de que:

1. As bênçãos a serem recebidas eram diretamente proporcionais à entrega - v. 6. Os irmãos poderiam contribuir menos, ou deixar de contribuir, ficando apegados aos valores, pensando na possibilidade de precisar muito deles futuramente. Mas a lembrança do apóstolo lhes mostrava que receberiam bênçãos diretamente proporcionais às bênçãos que estariam ofertando. O exemplo usado foi o da sementeira e da colheita. Se um agricultor deseja uma grande safra, então precisa semear muito. Quantas vidas seriam auxiliadas se houvesse uma grande oferta! Que grande colheita para o reino de Deus! Em compensação, quantas bênçãos seriam recebidas por eles!

2. As ofertas para se tornarem em bênçãos precisam ser de coração e com alegria - v. 7. Ofertas por obrigação não têm valor diante de Deus, ofertas interesseiras também não. Precisam ser realmente uma demonstração de amor e precisam, portanto, serem entregues, dedicadas com alegria. O apóstolo lembra que o amor de Deus está sobre os que ofertam com alegria. Alegria de participar, alegria por ver o bem estar do seu irmão, por vê-los supridos em suas necessidades materiais.

razão verdadeira, mas o fato é que em Jerusalém existiam muitos cristãos bastante empobrecidos e necessitados. O apóstolo já tentara levantar ofertas em outra ocasião junto à igreja de Corinto (1Co 16.1) mas não lograra êxito, voltando agora a escrever alertando aos crentes daquela igreja, relativamente abastados, sem perseguições financeiras, para a necessidade de também ofertarem.

Usa como exemplo os crentes da Macedônia que, tanto quanto os de Jerusalém, também empobrecidos pelas perseguições e seqüestro dos seus bens movidos por Roma aos que não se curvavam à sua religião, fizeram questão de participar das ofertas para os judeus pobres de Jerusalém. E não ofertaram de qualquer maneira, somente para dizer que o fizeram, mas enviaram uma oferta significativa. O apóstolo Paulo diz que **entregaram acima do seu poder**. Ou seja, ofertaram além do que aparentemente podiam.

Um dos aspectos que muito nos interessa no nosso estudo é o **porque de terem ofertado**. Quando alguém abre o seu coração e entrega uma oferta financeira para outra pessoa, há sempre uma razão, um motivo. O apóstolo aponta a razão dizendo que eles haviam se entregado primeiramente ao Senhor! **Este é o grande segredo de todo o exercício de mordomia. A oferta é**

uma manifestação de entrega total a Cristo. O dinheiro representa para a humanidade uma verdadeira dominação. O homem sem Cristo tem a sua segurança no dinheiro e vive para o dinheiro. Daí não compreenderem os incrédulos o porque de um crente abrir mão de valores monetários e entregá-los voluntariamente sem desejo de auferir nenhum lucro.

A OFERTA É UMA MANIFESTAÇÃO DE PLENITUDE NA VIDA CRISTÃ - 2Co 8.7-9.

Os crentes de Corinto tinham deixado para trás as meninices cristãs referidas na primeira carta do apóstolo Paulo. Tinham amadurecido, estavam a caminho da plenitude cristã. Mas faltava uma coisa para estarem realmente amadurecidos: desprenderem-se dos bens materiais e manifestarem este despreendimento ofertando, cooperando com outros irmãos em Cristo. Aquela participação **evidenciaria um amor sincero para com o próximo** (v. 8). O amor precisaria ser demonstrado por atitudes e a atitude mais evidente do crescimento espiritual, do amor ao semelhante, seria o sustento financeiro.

Para que um crente seja pleno na vida cristã precisa amar a Deus

A MÚSICA NO CULTO DEVE SER UMA MANIFESTAÇÃO DE LOUVOR A DEUS

Nem sempre cantar é louvar. Há um erro em nosso meio evangélico, o de se considerar louvor sinônimo de cântico. Isso não é uma verdade bíblica. Em hebraico cântico é *sheer* ou *shiyrah*, e louvor é *tehillah*, palavras com significado totalmente diferentes. No Velho Testamento sempre há uma referência especial quando alguém anuncia um louvor através do cântico (ver Salmos 92:1 e 147:1). No grego cantar é *humneo* e louvar é *aíneo*, também com conotações diferentes. Ou seja, o crente pode louvar a Deus de diversas maneiras, inclusive através do cântico e esse é muito importante no culto, mas sempre como manifestação de louvor a Deus.

Existem muitos textos que convocam o servo de Deus a louvá-lo através do cântico, tais como **Salmos 47:6; 68:4,32; 81:1**, e é inquestionável que a música no culto deve ter como principal objetivo louvar a Deus. No entanto, por ser um elemento artístico no homem, como mostramos anteriormente, pode se deteriorar na sua essência e objetivos e se tornar um elemento de louvor ao próprio homem. Através da música e outras manifestações artísticas nos cultos, o objeto de culto pode e tem sido invertido, passando o próprio autor ou executor da música ser louvado no lugar de Deus. Quando isso acontece, os participantes do culto

passam a ser assistentes de um show que visa agradá-los para que possam aplaudir seus participantes.

Há motivos diversos para que isso aconteça, como é o caso da falta de conversão (discutimos a assunto em estudo anterior), no entanto, o mais comum é o desejo do homem de ser louvado, de ser apreciado em seus pendores e execuções artísticas. E isto sempre irá acontecer quando se der mais valor à arte do que ao sentimento de adoração, de louvor a Deus.

A MÚSICA NO CULTO DEVE SER UM MEIO DE ANUNCIAÇÃO DA SALVAÇÃO QUE VEM DE DEUS

Grande parte dos Salmos são cânticos que anunciam a salvação que veio de Deus, e como dissemos, são messiânicos, anunciando a salvação da alma, do sofrimento eterno. Em **1Crônicas 16:23** e no **Salmo 96:2**, encontramos um salmo de Davi que canta a salvação que vem de Deus e que conclama o povo de Deus a cantar anunciando a sua salvação.

O fato histórico que deu lugar ao cântico é messiânico e preconizava o concerto que Deus fez com Abraão da perpetuação de um povo santo para todo sempre, por causa do amor do próprio Deus. Hoje nós estamos no centro desse pacto e experimentamos a salvação que veio de Deus através do Seu Filho, Jesus Cristo. A alegria de Davi deve ser, também, a nossa alegria; o reconhecimento de

Davi deve ser, também, o nosso reconhecimento; o propósito de Davi em anunciar essa salvação através do cântico, deve ser também o nosso propósito.

Que cântico maravilhoso de louvor a Deus pela salvação que nos concedeu sai dos lábios daqueles que têm seus corações cheios de gratidão. Que cântico verdadeiro e cheio de vigor pode chegar ao coração daqueles que ainda não experimentaram essa salvação maravilhosa que nos dá alegria, paz e segurança. Um cântico que sai do coração, independentemente das situações que enfrentamos e que, por anunciar a salvação em Cristo Jesus, pode penetrar corações manifestando a prisioneiros do pecado essa vida interior que Cristo nos deu (Atos 16:25).

HÁ UM CÂNTICO DIFERENTE PARA OS QUE LOUVAM A DEUS

O maior interessado em interferir e impedir o louvor a Deus é o seu maior inimigo, Satanás. E ele tem conseguido isso em muitos lugares onde Deus deveria ser cultuado verdadeiramente, através da música. Primeiramente, como já dissemos, levando o homem a ter um sentimento de louvor a si próprio por uma participação, segundo o seu conceito, maravilhosa em algum tipo de show. Em segundo lugar, influenciando com a idéia de que toda música é boa porque provém de Deus. Com isso músicas de cunho sensual, amoroso

entre homens e mulheres, de agitações físicas, provocadoras de êxtase e compostas por homens e mulheres de vidas completamente afastadas de Deus têm sido executadas em “cultos” completamente distanciados do padrão estabelecido por Deus e que, por isso, são bloqueados aos seus ouvidos (ver Amós 5:22-24).

É verdade que a música provém de Deus mas não é verdade que toda música é boa e aceitável por Ele. Todo homem provém de Deus porque foi criado por Ele, mas nem todo homem é bom, porque foi deteriorado pelo pecado; toda a criação provém de Deus, mas nem toda a criação é boa, porque foi deteriorada pelo pecado. Assim como há músicas que vêm de homens salvos e regenerados por Cristo, anunciando a salvação que vem de Deus, há músicas que vêm do próprio maligno como meio de anunciação e propagação da sua maldade.

Os servos de Deus têm que cantar um cântico novo, que venha de pessoas regeneradas por Cristo Jesus. E existem vários textos bíblicos que nos mostram assim: **Isaías 42:10; Salmos 33:3; 40:3; 96:1; 98:1; 149:1; Apocalipse 14:3.** Um cântico que ninguém pode aprender a não ser aqueles que foram comprados com o sangue do Cordeiro.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Jer 31.7-12; **Terça** - Sal 92; **Quarta** - Êx 15:1-21; **Quinta** - Sal 68:1-4; **Sexta** - Sal 96; **Sábado** - Sal 33

Estudo 12

A MORDOMIA DAS OFERTAS

Texto bíblico: 2 Coríntios 8 e 9

Devemos aceitar a idéia de que não existe o aspecto da mordomia também nas ofertas? Muitos pensam assim e entregam (quando assim o fazem) somente seus dízimos e deixam de participar de obras importantes na igreja e na denominação, deixam até mesmo de participar da obra missionária, perdendo o privilégio de ganhar almas para Cristo. No entanto ofertar é tão bíblico quanto entregar os dízimos. Nós podemos verificar isto deste o início do Velho Testamento, no Pentateuco, até o final do Novo Testamento.

O texto escolhido como básico para nosso estudo reflete uma necessidade premente pela qual passavam os crentes de Jerusalém, empobrecidos pela precipitação de venda de seus bens, na ansiedade da volta de Jesus, pelos pesados impostos taxados por Roma e pela superpopulação da Judéia.

Utilizando o apelo do apóstolo Paulo e dos seus ensinamentos, é

nosso propósito mostrarmos aos irmãos qual o significado real de uma oferta e quais as conseqüências para a vida cristã.

A OFERTA É UMA MANIFESTAÇÃO DE ENTREGA PESSOAL AO SENHOR - 2Cor 8.5.

O apóstolo Paulo havia se incumbido de levantar ofertas para os cristãos pobres de Jerusalém. Segundo alguns comentaristas, provavelmente fossem pessoas peregrinas em Jerusalém que, ao se converterem, tinham deixado de receber, por parte das autoridades judias, um auxílio que era destinado àqueles que iam ao templo, oriundos das diversas partes do mundo, para a adoração em determinadas épocas festivas. Poderiam ser, também, judeus convertidos que tiveram seus bens seqüestrados pelas autoridades, pelo fato de terem se tornado cristãos. Desconhecemos qual seja a

neste mundo. O tempo é uma delas. Tanto os ricos quanto os pobres têm vinte e quatro horas por dia. Da mesma forma os escolarizados, os analfabetos, etc. Cada um tem o mesmo privilégio e a mesma responsabilidade de, dentro das suas limitações, utilizar de forma sábia o seu tempo.

2. Existem coisas preciosíssimas para o ser humano. A vida, a alma, a comunhão com Deus, o tempo. Ninguém recupera o tempo perdido. Ninguém volta a um tempo passado, ninguém refaz o tempo desfeito. Cada segundo perdido torna-se irrecuperável. Por isto devemos aproveitá-lo muito bem.

3. Deus, em sua bondade, nos permite usar o tempo para o nosso sustento, para o nosso descanso, para a sua obra, para a nossa família, para a aquisição de conhecimento. Foi o que ele permitiu a Josué e a Ezequias. O primeiro utilizou o tempo concedido por Deus em uma batalha à favor do povo do próprio Deus; o segundo utilizou o tempo para prolongar seu testemunho de que adorava e servia ao Deus vivo. Mas não nos esqueçamos que apesar de podermos usar o tempo, até mesmo em nosso benefício, um dia daremos contas dele ao Senhor.

4. O tempo é como pequenas quantias de mantimento que nos vão sendo dadas, que não podem ser

guardadas e que precisam ser gastas imediatamente com a maior sabedoria para que não haja desperdício.

5. Conversas fúteis e inúteis são uma forma de desperdício de tempo. E, muitas vezes levam ao sofrimento próprio e de terceiros.

6. O descanso, nas suas mais variadas formas, é necessário. Mas, a não ser em casos de doença, quando excessivo, chama-se preguiça e é um meio de desperdício de tempo. Não podemos permitir que o relaxamento do nosso organismo seja a parte mais importante de nossa vida.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Salmo 1. Há felicidade em dedicarmos o tempo à Lei do Senhor.

Terça - Salmo 90:1-12. Devemos pedir a Deus que nos ensine a gastarmos nosso tempo.

Quarta - Ecl 3:1-8. Existe tempo para tudo na vida.

Quinta - Ecl 3:10-17. Deus pede contas do que ficou para trás.

Sexta - Ef. 5:1-21. Podemos remir o tempo deixando de lado as coisas do pecado.

Sábado - Gál. 6:1-10. Façamos o bem enquanto temos tempo.

Domingo - Tiago 4:1-17. Vivamos na dependência de Deus, inclusive com respeito ao nosso tempo.

Estudo 5

A FAMÍLIA E A IGREJA

Textos bíblicos: Lucas 22.7-14; Atos 1.1-14; 18.1-8; 20.6-12

Sempre encontramos na Bíblia uma estreita inter-relação entre famílias e povo de Deus. Por tudo que já estudamos até agora é fácil compreender a razão disso: Deus instituiu a família como primeira célula da sociedade humana, a igreja é composta de seres humanos (regenerados, porém humanos), logo a igreja é composta, em sua grande parte, de famílias.

Não vamos nos prender a exemplos de laços familiares com a formação do povo de Deus, no Velho Testamento, porquanto alguém poderia argumentar, e com razão, que naquele tempo não existia, ainda, a igreja de Cristo. Por isso vamos nos deter em exemplos e ensinamentos contidos somente no Novo Testamento.

JESUS CRISTO, CABEÇA DA IGREJA, PRESTIGIOU A FAMÍLIA

Devemos lembrar que Jesus é o Senhor da Igreja e que ele prestigiou

a família durante o seu ministério no mundo através de atos e ensinamentos que são irrefutáveis. Enumeramos alguns.

1. Nasceu no seio de uma família - Às vezes fico a pensar em como Deus poderia ter enviado Jesus, fazendo com que ele nascesse de uma jovem solteira, já que ele não nasceu através de uma fecundação natural entre a semente do homem e a da mulher. Não houve a participação de José na geração de Jesus, em Maria. Ele foi gerado pelo Espírito Santo. Também fico a pensar em como Jesus era identificado com a sua família, seu pai, mãe e irmãos (Mr 3.32; Lc 4.22; Jo 1.45; 6.42). Se Jesus nascesse de uma jovem solteira, Jesus nunca seria benquisto na sociedade judia. Seria olhado como alguém que teria nascido em situação irregular, perante Deus e a sociedade. Mas, Deus valorizou a família ao fazer Jesus nascer e crescer no seio de uma família. Valorizou o que ele próprio instituiu.

Se Jesus nasceu e cresceu dentro de uma família, fica difícil compreender uma pessoa que se diga cristã, que seja membro de uma igreja de Cristo, que não valorize essa instituição divina, primordial para o crescimento espiritual e social, e é fácil compreender que precisamos valorizá-la, envidando todos os esforços para preservá-la.

2. Praticou atos que valorizaram as instituições familiares Os quatro Evangelhos registram seus atos, sendo que o primeiro registro que temos é o de quando ficou em Jerusalém, ainda menino, discutindo no templo com os doutores da Lei. Após argumentar que era necessário cuidar dos negócios do Pai celestial, poderia ter dito que continuaria ali; porém, ao ser convocado pelos seus pais, deixou de lado o que estava fazendo e os obedeceu, seguindo-os de volta para casa (Lc 2.40-51). Outros exemplos são a sua participação das festividades de um casamento, onde realizou o seu primeiro milagre (Jo 2.1-12); a frequência à casa de uma família que era sua amiga, a de Lázaro (Lc 10.38; Jo 11.5); a frequência à casa de Pedro, em uma das ocasiões curando a sogra dele (Lc 4.38); o da ressurreição do único filho da viúva de Naim, restituindo àquela mulher o bem mais precioso que possuía, inclusive o seu meio de sustento; e, estando à morte na cruz, se preocupou em deixar sua mãe

com um filho que cuidasse dela, passando sua filiação a João (Jo 19.26,27).

3. Deixou ensinamentos preciosos a respeito de laços familiares No seu discurso que ficou conhecido como “O Sermão da Montanha”, proferido logo no início do seu ministério, Jesus deixou ensinamentos claros a respeito da convivência dos cônjuges (Mt 5.31,32); em outra ocasião, criticou os fariseus porque não honravam a seus pais através do sustento, encontrando desculpas religiosas (Mr 7.9-13); e proferiu, novamente, ensinamentos a respeito do relacionamento conjugal (Mt 19.3-12).

É fácil assimilarmos a verdade de que se aquele que é a cabeça da igreja prestigiou tanto a família, é lógico que seu corpo, a igreja, também prestigie.

A IGREJA NASCEU E CRESCEU EM AMBIENTES FAMILIARES

Os Evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos registram alguns acontecimentos que mostram como a igreja de Cristo nasceu e cresceu em ambientes familiares, dos quais destaco alguns para nosso estudo:

1) Lucas 22. 7-14 (e textos sinóticos) onde está registrada a instituição da Ceia pelo Senhor Jesus Cristo, como

1. Buscando auxílio divino - *Salmo 90:12; Ef. 5:1*. Pela nossa natureza carnal não somos capazes de sozinhos remir nosso tempo. Há fortes tendências no homem para a distração, para o desperdício do tempo que está à sua disposição. Isto porque há em Satanás o propósito de fazer com que o homem não perceba o tempo passando e deixe de ser um bom mordomo. Devemos, então, imitar o salmista e pedir sabedoria a Deus, àquele que tem o interesse de que sejamos bons mordomos; devemos pedir a ele que nos ensine a contar o nosso tempo, a viver com sabedoria o tempo que está à nossa disposição.

2. Fazendo com que nosso prazer esteja nas coisas de Deus - *Sal 1:2*. O mundo tem apresentado muitos prazeres que têm feito com que o ser humano desperdice o seu precioso tempo. Lugares com luzes brilhantes, com músicas estonteantes ou insinuantes, shows das mais variadas formas, lugares com chamamentos à carnalidade, à poluição da mente e do corpo, vícios, estão sendo o objeto de prazer de crianças, adolescentes, jovens e adultos. E estão fazendo com que estes gastem o seu tempo sem proveito algum. Gastem o seu tempo como maus mordomos.

Até mesmo servos de Deus têm gastado tempo depositando os seus prazeres em coisas ou lugares que chegam a escarnecer do nome de

Deus e isto faz com que se tornem maus mordomos de algo que é tão precioso quanto o tempo. O salmista afirma que feliz é o homem que tem o seu prazer na Lei de Deus e nela medita dia e noite. Pensar nas coisas de Deus constantemente é um excelente modo de remirmos o nosso tempo.

3. Colocando cada coisa no seu tempo devido - *Ecl 3:1-8*. O rei Salomão, amadurecido em sua vida, depois de passar por amargas experiências, finalmente voltado para Deus e reutilizando a sabedoria que Deus lhe dera, afirma que para tudo existe um tempo. E podemos ver que é uma afirmação verdadeira no próprio exemplo de Deus que planejou e executou a Sua criação dentro de tempos que foram estabelecidos criteriosamente e ainda separou um dia para descansar.

O tempo desordenado é lugar certo para ações malignas. Existe o tempo de trabalhar, de estudar, de casar, de adorar a Deus, de descansar. Existe tempo para tudo o que é do agrado de Deus, se soubermos remir o tempo.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. Existem coisas que Deus distribui a todos os seres humanos de forma igual, na mesma quantidade, enquanto os homens vivem

carta: "Não sabemos o que nos acontecerá amanhã" (Tg 4:13-17).

Não poder saber o que lhe acontecerá no dia seguinte é a grande manifestação de que o tempo não pertence ao homem, porém a Deus.

O TEMPO DE QUE DISPOMOS DEVE SER VINCULADO À VONTADE DE DEUS

Se o tempo pertence a Deus, se ele é o seu criador, se ele estabeleceu seus limites, então nada mais lógico do que vincularmos o tempo que ele nos concedeu à sua vontade. É ainda o que Tiago quer dizer quando afirma: "Em lugar do que devíeis dizer: se o Senhor quiser..." (Tg 4:15). E chega a dizer também que toda a presunção, inclusive no sentido de domínio do tempo, é maligna.

De fato é tão maligna que encontramos Jesus narrando a história de um homem que, sentindo-se dono do seu tempo, perdeu seu tempo e chegou ao momento da morte sem estar preparado para ela (Lc 12:13-21) demonstrando que se uma pessoa não utilizar o seu tempo de forma a dedicá-lo às coisas eternas, estará irremediavelmente perdido, que só seremos bons mordomos se utili-

zarmos nosso tempo para atingirmos os objetivos estabelecidos por Deus para nós, se vincularmos nossas atividades de acordo com a vontade daquele que nos criou.

O TEMPO DEVE SER REMIDO

Remir é sinônimo de resgatar. O ser humano entregou o seu ser à malignidade quando pecou e tornou-se escravo, em todos os sentidos, do que é maligno. Tornou-se prisioneiro, inclusive do tempo. Criado para viver eternamente, viu o seu tempo ser limitado pela morte. Depois ainda viu esse tempo que se tornou limitado, ser cada vez mais encurtado e, ainda, esse tempo encurtado ser ocupado com atitudes e situações desagradáveis para ele próprio e para Deus.

Por causa desse aspecto de aprisionamento ao tempo, de escravidão ao pecado no uso do tempo, é que o apóstolo Paulo nos aconselha a remirmos, resgatarmos o tempo diante dos dias, que são maus (Ef. 5:15,16).

A nossa vida foi resgatada do pecado e é fato que devemos viver uma nova realidade, um novo tempo também resgatado do pecado. Ele precisa ser resgatado da malignidade. Mas como poderemos levar a efeito esta remissão?

um memorial do Novo Testamento e substituindo a Páscoa, em um cenáculo (que era o terraço superior de uma casa) emprestado por um chefe de família.

2) Atos 1.13,14. Mostra os discípulos de Jesus, logo após a sua subida aos céus, reunidos também um cenáculo, onde perseveravam congregados, unânimes, em oração. Provavelmente tenha sido naquele lugar que aconteceu a manifestação do Espírito Santo, registrada em Atos 2.1-4, anunciada por Jesus como sendo o batismo do Espírito Santo para a sua igreja.

3) Atos 16.13-15. Narra a conversão, na cidade de Filipos, de uma mulher com toda a sua casa e o convite insistente em hospedar o apóstolo Paulo e sua comitiva missionária.

4) Atos 16.23-34. Ainda na cidade de Filipos, preso, o apóstolo Paulo anuncia o evangelho ao carcereiro, que se converte com toda a sua família e recebe o apóstolo, ainda prisioneiro, em sua casa, onde a família toda se alegra com a presença do servo de Cristo.

5) Atos 18.1-8 onde vamos encontrar o apóstolo Paulo conhecendo uma família temente a Jesus em Corinto e indo morar em seu lar, e o registro do apóstolo pregando na casa de um homem que

morava ao lado de uma sinagoga e da conversão do chefe da sinagoga e de toda a sua família.

6) Atos 20.6-12 registra a estada do apóstolo Paulo em Filipos, reunido com a igreja daquela cidade, em uma casa de família, no cenáculo, pregando e participando de uma comemoração da Ceia.

E poderíamos citar tantos outros textos, como, por exemplo, o da conversão do centurião Cornélio e toda a sua família, ou, ainda, que registram a ajuda do casal Áquila e Priscila no ministério do apóstolo Paulo.

Sem dúvida alguma, o surgimento e o crescimento da igreja de Cristo estão intimamente ligados a laços e situações familiares.

OS APÓSTOLOS DE JESUS, FUNDAMENTOS DA IGREJA, DEIXARAM ENSINAMENTOS SOBRE A FAMÍLIA

Há no Apocalipse o registro de uma visão que João teve da nova Jerusalém que demonstra a importância dos doze apóstolos de Jesus para a igreja, a do muro em volta da cidade celestial, com doze fundamentos onde estavam escritos os nomes dos apóstolos de Cristo (Ap 21.14).

Desses homens de tanta importância para a igreja de Cristo,

A MORDOMIA DO TEMPO

Texto bíblico: Efésios 5.15-21

pelo menos dois deles deixaram ensinamentos preciosos sobre comportamentos familiares. Os do apóstolo Paulo podem ser encontrados em **Efésios 5.22-33; 6.1-4** e **Colossenses 3.18-21**; e os do apóstolo Pedro em **1Pedro 3.1-7**. Neles vamos encontrar ensinamentos preciosos a respeito do relacionamento dos maridos com as esposas, das esposas com os maridos, dos pais com os filhos e dos filhos com os pais. Ensinamentos simples, diretos, porém de grande importância para a boa convivência familiar e, que envolvem, também, a vida cristã.

Os ensinamentos do apóstolo Paulo são tão intrinsecamente ligados à Cristo e à sua igreja, que na carta aos Efésios, compara o amor que o marido deve dedicar à esposa, com o amor de Jesus para com a sua igreja.

CONCLUSÃO

Estudando o Novo Testamento com atenção percebemos que não há como separar a importância da família da Igreja de Cristo. Há uma interação constante e natural. A igreja começou em lares convertidos ao Senhor Jesus e continuou crescendo sob os cuidados de pessoas com suas famílias e arregimentando famílias inteiras para o seu seio, através da pregação do evangelho.

Essa interação constante e natural fez com que os apóstolos deixassem ensinamentos importantes que, observados, trazem o equilíbrio da família e, conseqüentemente, da igreja do Senhor Jesus Cristo. Uma igreja é composta de pessoas que fazem parte de suas famílias. Famílias equilibradas, tementes a Deus, obedientes aos princípios divinos, formam igrejas também equilibradas e tementes a Deus.

Cabe a nós, servos de Cristo e obedientes aos ensinamentos dos apóstolos, preservarmos esses ensinamentos e esses laços naturais, a fim de que as igrejas de Cristo cresçam fortes e atuantes na sociedade que vivemos.

Leia *A Primeira Carta de Pedro*

Estudos bíblicos para a
EBD, de autoria do Pr
Dinelcir de Souza Lima

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Lucas 22.7-14
Terça - Atos 16.13-15
Quarta - Atos 16.23-34
Quinta - Atos 18.1-8
Sexta - Atos 20.6-12
Sábado - 1Pedro 3

O que é tempo? Dificilmente alguém conseguiria definir o que seria. Aurélio Buarque de Holanda diz, entre outras coisas, que tempo é "a sucessão de anos, dias, horas, etc., que envolve a noção de presente, passado e futuro." Mas nós percebemos que tempo é muito mais que isso. Sabemos, naturalmente, que existe uma relatividade no tempo e que, por isso, o homem pode ganhar tempo ou pode perder tempo. Sabemos, também, que o tempo tem algo a ver com intensidade, com agilidade, com sabedoria do uso.

Graças a Deus não precisamos saber exatamente o que é tempo para falarmos dele, para que o vivamos, para que o dominemos ou para que possamos administrá-lo com sabedoria.

Neste estudo a nossa intenção é mostrar que o tempo precisa ser incluído na nossa preocupação com mordomia porque o seu uso adequado é essencial para uma boa administração de tudo o que nos

cerca e que deve ser usado da melhor forma possível, da maneira mais sábia que está ao nosso alcance. Para isto devemos lembrar que:

O TEMPO PERTENCE A DEUS

Quem poderia dizer que é dono do tempo? Ao ser humano isto é impossível. Ele é incapaz de controlar ou de modificar o tempo. Somos apenas administradores do tempo. O seu criador e mantenedor é o próprio Deus. Foi ele quem estabeleceu marcos temporais para nós e para toda a sua criação (Gn 1.14; 2.1,2) e é ele o único que pode alterar o tempo (Js 10.12,13 Is 38.8)

Quantas pessoas tolas encontramos na vida que pensam ser donas do tempo, mas a realidade é que não são. A prova disto é que fazemos planejamentos para os dias, e até projetamos planos para o futuro, mas não podemos garantir que os planos, até para alguns momentos adiante, serão concretizados. É como Tiago diz em

É claro que para ensinar tanta obediência ao filho, Abraão viveu atitudes que geraram confiança em Isaque. Talvez uma das dificuldades que os pais tenham atualmente para ensinar obediência aos filhos, seja o comportamento dos próprios pais, que em muitas ocasiões não mereçam confiança, ou não seja de integridade moral, ética, espiritual e social. Lembramos mais uma vez que o processo de educação envolve não somente informações, porém a prática que, de um modo geral, é mais eficiente que as informações. Abraão era um homem obediente a Deus e obediente até as últimas consequências. O próprio episódio que estamos estudando revela isso, além da sua saída da sua terra e do meio de seus parentes, somente porque Deus mandou que assim fosse. Certamente Isaque passou a sua vida observando seu pai prestando obediência a Deus.

A obediência aos pais é amplamente ensinada na Bíblia (p. ex., ver Efésios 6:1; Col 3:20), inclusive aos senhores (Ef 6:5; Col 3:22), aos pastores (Hebreus 13:17), e às autoridades constituídas de um modo geral (1Pd 2:13,14). Isso significa que a obediência é essencial para uma vivência sadia do ser humano. Tão essencial que, ao desobedecer a Deus, o homem trouxe sobre si a mais terrível tragédia que já se abateu sobre a humanidade.

CONCLUSÃO

A família é o ambiente ideal e, portanto, mais importante, para a formação do ser humano e, logicamente, para a formação com princípios essenciais para a vida de um modo geral.

Deixar de exercitar a educação sadia, bíblica, dentro de princípios divinos, é assumir o risco de ver filhos crescer fora de uma possibilidade de êxito social e espiritual. Ao contrário, exercitar a educação bíblica, conforme exemplos registrados nas Escrituras, como o de Abraão e Isaque, é ter a certeza de que os filhos crescerão sob a perspectiva de uma vida de êxitos sociais e espirituais.

A família é o ambiente ideal para se colocar em prática o que Salomão ensinou em seu provérbio: ensinar o caminho em que a criança deve andar. E o resultado será o que foi declarado por ele: até alcançar a velhice não se desviará dele (Prov 22:6).

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 22

Terça - Gênesis 28.1-5

Quarta - Gênesis 28.6-9

Quinta - Provérbios 22

Sexta - 1Pedro 2

Sábado - Efésios 6

Estudo 6

A FAMÍLIA CRISTÃ IDEAL

Textos bíblicos: Deut 5.29; Efésios 5.25-28; 1Cor 13.4-8; Gen 12.3

Quase que se torna desnecessário afirmar-se que o soberano Deus oficiou o primeiro casamento e o Senhor Jesus durante o seu ministério terreno o confirmou quando em Cana da Galiléia participou das festividades de um casamento e transformou a água no mais delicioso vinho. Assistindo a esta festa nupcial pôs a sua aprovação e bênção à sagrada instituição do matrimônio (João 2.1-12).

Sendo fatos tão conhecidos dos cristãos, devemos, então, pensar na realidade de que, se Deus oficiou o primeiro casamento e se Cristo referendou o casamento, o lar é uma realidade muito importante para se viver. O propósito divino no processo da criação, inegavelmente, visava a formação da família para nossa felicidade, o bem-estar, o conforto, alegria conjugal, rodeado dos filhos, dos netos, bisnetos etc.

No entanto, o casamento foi sendo deteriorado pelo pecado da humanidade e, às vezes esquecemos

que há uma família ideal, segundo o coração de Deus.

É sobre alguns aspectos dessa família ideal que vamos estudar.

FAMÍLIA IDEAL É A QUE PROCURA VIVER SOB A DIREÇÃO DE DEUS

Deut 5.29

Convenhamos que não pode haver nada mais precioso que um lar bem constituído, onde haja um clima constante de cordialidade, de amor, de paz, de temor a Deus. Mas, para que isto aconteça é necessário que os que compõem uma família sejam sinceros para com Deus e que procurem, de fato, viver sob a sua direção.

Esse é o ideal no coração do próprio Deus e isto é demonstrado diretamente no texto que indicamos acima. Moisés estava fazendo uma narrativa do que acontecera no dia em que Deus lhe dera as tábuas com os Mandamentos e recordou como os líderes do povo o procuraram

demonstrando um suposto temor a Deus (logo ficou demonstrado que aquele temor não era verdadeiro) e como o próprio Deus lhe falara manifestando o seu desejo de que o povo realmente o temesse e buscasse realmente guardar os seus mandamentos, **para que fossem felizes juntamente seus filhos.**

Infelizmente sabemos, pelos registros bíblicos, que as famílias do povo de Israel deixaram, constantemente, a direção divina contida em seus mandamentos e procuraram atalhos humanos, perigosos para a vida familiar, e foram profundamente prejudicadas por isso. Todo o povo foi prejudicado em várias ocasiões. Hoje, também, há igrejas sofrendo com famílias inteiras que deixam os propósitos divinos e entram por atalhos da vida, perigosos e assustadores (Prov. 16.25).

O ideal de Deus para as famílias do seu povo era de que procurassem viver sob a sua direção. A expressão “quem dera”, vinda do próprio Deus, demonstra que não existia esse propósito no coração daquele povo, mas também demonstra um profundo desejo divino. Hoje os crentes em Jesus Cristo compõem o povo de Deus e, certamente, ele continua com esse desejo, de que as famílias compostas pelos seus servos procurem viver sob a sua direção, sob as orientações registradas nos seus Mandamentos e em

toda a Escritura. Serão, então, famílias ideais, conforme o coração de Deus.

A FAMÍLIA IDEAL É AQUELA ONDE EXISTE AMOR VERDADEIRO

Efésios 5.25-28; 1Cor 13.4-8

Há de se convir que o amor tem sido esquecido no seio da família e essa falta de amor tem feito com que muitos seios familiares sejam transformados em verdadeiros campos de batalha entre cônjuges, entre irmãos e entre pais e filhos. Certa ocasião um menino estava perdido na Praça da Sé, em São Paulo, e chorava sem cessar; transeuntes faziam-lhe algumas perguntas, mas o garoto nada respondia, chorando mais ainda. Até que uma Assistente Social, com paciência, conseguiu que ele falasse alguma coisa perguntando-lhe onde morava e qual era o nome do pai dele. A resposta refletiu o conflito que existia em sua casa: “Moro no inferno e meu pai se chama diabo”. Claro que ele não era nenhum demônio, era um menino, mas ele demonstrara o que estava em sua mente. O pai chegava do trabalho, cansado, preocupado, com problemas diversos, a esposa já o recebia zangada, com queixas e reclamações da vida, das lutas domésticas e peraltice das crianças. O marido irritado retrucava sempre: “Isto aqui é um inferno”. E ela

emociona pela sua grandeza. Acostumado a adorar, conhecendo perfeitamente os elementos do culto, Isaque estranha não existir um cordeiro para ser sacrificado. Pergunta ao seu pai porém recebe dele a resposta simples de que Deus proveria o cordeiro. O autor do livro de Gênesis, Moisés, registra que após a resposta os dois continuaram caminhando juntos. Não registra novas perguntas, sugestões ou resistência à prática do culto, mas que Isaque continuou caminhando com seu pai, confiando que Deus, de fato, estaria providenciando o cordeiro.

Neste mundo que se materializa cada vez mais, que está cada vez mais colocando o dinheiro e os bens materiais como fator de confiança, que regrida espiritualmente e avança em direção à idolatria, ao misticismo animista, é necessário que ensinemos nossos filhos a confiarem plenamente em Deus. Ensinemos não somente através de palavras, mas de atos, verdadeiros e decisivos. Abraão disse ao filho que Deus providenciaria o cordeiro, porque ele também confiava que seria assim. Sabia que o cordeiro seria seu próprio filho, mas tinha convicção de que Deus o ressuscitaria, dando-lhe novamente o filho para que dele fosse formada a nação israelita (Heb. 11.17,18).

Se quisermos que nossos filhos cresçam agradando a Deus, em

comunhão com ele, precisamos ensinar-lhes a confiarem completamente, a se entregarem confiantes nas mãos do Senhor.

OS FILHOS DEVEM SER EDUCADOS PRESTANDO OBEDIÊNCIA - v. 9,10

Obediência é uma atitude que deve acompanhar o ser humano por toda a sua existência. Sempre temos que prestar obediência a alguém. Faz parte da nossa estrutura social e, até, espiritual. No entanto, a desobediência está se tornando quase que uma instituição mundial. Filhos desobedecem aos pais, desobedecem a professores, a superiores nas instituições de trabalho, a autoridades e por aí vai se agigantando a decadência de nossas instituições sociais.

É necessário que os pais ensinem seus filhos a serem obedientes. Abraão ensinou Isaque a ser obediente e isso ficou demonstrado pelo fato de que, diante da resposta do pai, não argumentou e limitou-se a obedecer, continuando em direção ao local do sacrifício. Ao chegar lá foi colocado pelo pai em cima do altar, para ser sacrificado e ali ficou. Pela diferença de idade poderia reagir, bater no pai, se desvencilhar. Mas obedeceu até a morte. Ele confiava em Deus, confiava no pai; obedecia ao pai, obedecia a Deus. Obedecia e se colocava no seu próprio lugar, de filho e de servo de Deus

pais, pôde ser a personificação da promessa de Deus de que em Abraão seriam benditos todos os povos da Terra. Bem educado foi perfeitamente integrado à sua própria personalidade, à sociedade de um modo geral e ao plano de Deus para a salvação da humanidade.

Vejamos, então, como Isaque foi educado no seio da sua família.

OS FILHOS DEVEM SER EDUCADOS ADORANDO A DEUS - v. 5

Adorar é reverenciar, cultuar reconhecendo a divindade e poder. Deus criou o homem e espera que sua criatura o reverencie, que preste culto a ele e somente a ele; que reconheça e dependa do seu poder. Quando estava libertando seu povo do cativeiro do Egito e levando-o à liberdade sob a direção de Moisés, fez questão de determinar ao seu povo que o adorasse, que o temesse, que o servisse e que se achegasse a ele (Deut 6.13; 10.20).

Indubitavelmente Deus quer que o ser humano se aproxime dele, mas que se aproxime com reverência, reconhecendo a sua soberania, o seu poder; que se aproxime prestando-lhe o culto que é devido somente a ele e que se aproxime reconhecendo e dependendo do seu poder. Esse desejo de Deus está escrito exatamente nos preceitos que deu ao seu povo à respeito da educação de seus filhos (Deut 6.6,7).

Isaque foi educado com o costume de adorar a Deus. A palavra de Abraão aos seus empregados afirmando que ele e seu filho iriam adorar, mostra a participação de pai e filho em um culto a Deus. Nossos filhos precisam ser acostumados a participar de cultos a Deus juntamente conosco.

OS FILHOS DEVEM SER EDUCADOS CONFIANDO EM DEUS - v. 7,8

A confiança em Deus é essencial para a adoração e para uma vida de comunhão com ele. O autor da carta aos Hebreus afirmou que sem fé é impossível agradar-lhe e que é necessário que aquele que se aproxima dele o faça com confiança (Heb. 11.6). Deus quer que o ser humano confie nele e isso é natural, uma vez que é o ser perfeitamente justo, que é essencialmente amor. Deus quer que os filhos de seus servos sejam educados confiando nele. Tanto é assim que determinou, quando tirou o povo do Egito, que os pais ensinassem os filhos a respeito do seu poder e da sua providência em libertar o seu povo da servidão do Egito (Êxodo 13.14,15). Ensinassem na prática, realizando o culto determinado por ele, ensinando enquanto realizavam o culto.

No episódio que utilizamos como exemplo, essa educação, com confiança em Deus, é patente e

retrucava, também: “E você é o diabo.”

Se existisse o amor verdadeiro, nada disso aconteceria. Poderiam existir algumas rugas momentâneas, algumas insatisfações, debates, discordâncias de opiniões, mas tudo isso seria superado pelo sentimento de amor e não existiriam separações, agressões, violências, desconfianças, inimizades, e tantas outras manifestações de falta de amor. Ao invés disso existiriam as manifestações do amor verdadeiro que é registrado pelo apóstolo Paulo em sua primeira carta aos da Igreja de Corinto: paciência, benignidade; confiança, sentimento de igualdade, comportamento conveniente à própria família, busca de interesse mútuo, tolerância, alegria com a verdade e perenidade, ou seja, os momentos felizes não seriam passageiros, porém durariam para sempre.

Esse amor verdadeiro é aconselhado pelo apóstolo Paulo quando escreveu aos irmãos da Igreja de Éfeso, ao dirigir-se aos maridos, dizendo: “*Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os*

maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama.” (Ef 5.25-28). Ele não estava aconselhando um amor superficial, momentâneo, de acordo com interesses egoísticos; mas estava aconselhando o amor que existe no próprio Deus, o amor perfeito.

A FAMÍLIA IDEAL É AQUELA QUE É UMA BÊNÇÃO PARA A HUMANIDADE - Gen 12.3

Deus chamou Abraão para uma missão ímpar: formar uma nação separada, da qual viria o Salvador do mundo. Isso seria uma bênção para toda a humanidade. Mas, devemos lembrar que Abraão precisava ter uma família para poder formar uma nação. Já tinha uma esposa e Deus lhe deu um filho. Sua esposa, Sara, apesar de suas fraquezas humanas, era tão temente a Deus que entrou para a galeria da fé, citada pelo autor da Carta aos Hebreus. Seu filho, Isaque também foi um homem de fé e criou seus filhos nos caminhos do Senhor. Um deles se desviou, mas Jacó veio a ser o homem que deu continuidade à formação do povo de Deus. Sem dúvida alguma, a família de Abraão foi uma bênção para a humanidade. E o que não falar da família de José, marido de Maria? De sua esposa nasceu o Salvador do mundo e teve dois filhos que serviram a Jesus com suas vidas, sendo um o primeiro pastor da

primeira igreja cristã, a de Jerusalém, Tiago; e sendo o outro um dedicado doutrinador que deixou para nós a carta de Judas que tem atravessado séculos como uma bússola indicando o caminho da firmeza para as igrejas de Cristo.

Deus instituiu a família como o princípio da sociedade, Deus utilizou a família para formar o seu povo e Deus estabeleceu critérios para a família a fim de que toda a sociedade fosse influenciada por famílias sadias, tementes a Ele, cheias de amor e propagadoras do seu amor pela humanidade. Nossa obra de evangelização, do ensino da Santa Palavra de Deus, deve, então, começar com a família, onde o culto deve ser praticado com sinceridade e reverência, onde o evangelho deve ser anunciado aos filhos e, também, as doutrinas de Cristo. Que exemplo maravilhoso o de Paulo escrevendo a Timóteo, falando da fé sincera que existiu primeiramente na avó do jovem pastor, Lóide, e, depois, em sua mãe Eunice (2Tm 1.5).

Podemos ter a certeza de que uma família bem ordenada, obediente, dependente de Deus, é um poderoso argumento em favor da realidade regeneradora da fé autêntica em Jesus Cristo, argumento este que o incrédulo não pode contradizer. Uma família cristã firme nos ensinamentos de Cristo, perseverante e consagrada ao serviço do Senhor Jesus é um

símbolo da família de Deus, celestial, e pode ser uma bênção para toda a humanidade, refletindo e anunciando as verdades divinas para o ser humano.

CONCLUSÃO

Há uma inestimável recompensa para aqueles que são fiéis a Deus, que procuram viver dentro dos seus preceitos e do que estabeleceu como ideal. As famílias que procuram viver dentro desse ideal, perseverando apesar de todas as dificuldades, recebem, sem dúvida, essa recompensa tanto aqui neste mundo, quanto na vida futura, no reino celestial: recebem a gloriosa presença de Deus orientando, confortando, fortalecendo, dando vida plena e abundante.

(Adaptado pelo Editor de artigo
enviado pelo autor)

**Os critérios de Deus para
uma família ideal estão em
seus mandamentos.**

**Leia, publicados por esta
editora:**

OS DEZ MANDAMENTOS

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Gênesis 12

Terça - Gênesis 17

Quarta - Deuteronômio 5

Quinta - 1 Coríntios 13.1-8

Sexta - Efésios 5

Sábado - 2 Timóteo 1.1-5

Estudo 8

A FAMÍLIA E A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Texto bíblico: Gênesis 22.1-18

Educar é promover através da prática o processo de desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais e morais, inerentes ao ser humano, de modo a possibilitar uma integração adequada à sua própria personalidade e à sociedade.

Podemos afirmar que a educação de um filho, no seio de uma família cristã, visa, além da integração à própria personalidade e à sociedade, a integração e a prática consciente e voluntária dos princípios divinos, bem como a aptidão para o serviço cristão. Mas também podemos afirmar que a educação nos princípios divinos dará ao filho a condição de convivência ideal com a sociedade de um modo geral.

Há de se convir que a família, sendo uma parcela tão reduzida da sociedade, constitui o ambiente ideal para o processo educacional sob todos os aspectos, tanto pela sua estrutura natural, quanto pelo aspecto da convivência constante e gradativa, desde o nascimento, dos pais com os filhos, o que lhes

possibilita a prática constante de atos educativos.

No entanto, há de se convir, também, que a prática da educação ideal, tanto nos aspectos social e moral, quanto no espiritual, está cada vez mais dificultada pelos embates que a família vem sofrendo no próprio seio da sociedade moderna e tão distanciada de Deus.

Se a realidade quanto à família está quase que insustentável, isto não quer dizer que devemos nos entregar a ela e abandonando o privilégio de educarmos nossos filhos de maneira adequada, porém que devemos perseguir cada vez mais o ideal de educação e de fortalecimento das famílias nas igrejas de Cristo.

Na Bíblia existem vários exemplos de educação de filhos dentro de lares tementes a Deus, mas queremos, neste estudo, destacar e copiar o exemplo da educação de Isaque, no lar de Abraão. Ele foi o homem que, perfeitamente educado por seus

dos é "igualmente", ou seja, da mesma maneira. Tudo o que foi falado até aqui serve também para os maridos porque precisam viver no casamento com **moralidade, mansidão e quietude**. Mas precisam também **respeitar** suas esposas, honrando-as e procurando **entendê-las**.

Parece que através dos tempos os homens têm encontrado muita facilidade em desrespeitar suas esposas, em desonrá-las não procurando entender que são seres humanos tanto quanto eles, que têm suas próprias personalidades, que são tão preciosas diante de Deus quanto o homem.

Normalmente os maridos que-rem que as mulheres os compreendam, os entendam, mas **não usam de reciprocidade em desejar o melhor para elas**. O exemplo do apóstolo é impressionante porque se reporta a alguém que possui um vaso precioso que é mantido com todo o cuidado para que não se quebre. **A esposa de um homem deve ser olhada por ele como alguém muito precioso, como um grande tesouro que precisa ser cuidado com todo o carinho.**

O que há de mais interessante nisso tudo, é que a falta de harmonia no lar, impede as orações dos crentes! Alertando aos maridos a entenderem e honrarem suas esposas, o apóstolo adverte: *"para que não sejam impedidas as vossas orações"*.

De que adianta orar para que exista paz no lar, se não se fizer por onde? De que adianta orar para que Deus preservar o casamento, se não

existir respeito, mansidão de parte à parte? De que adianta orar para que o cônjuge venha a ser quebrantado e venha a crer em Cristo como Salvador, se o que for crente em Cristo não viver manifestando princípios cristãos?

Concluindo podemos afirmar que a harmonia no lar é essencial para a convivência agradável, em paz e que esta harmonia só será possível se um casal se respeitar, amar, e não se deixar levar pelos vendavais da vida que o mundo oferece.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Efésios 5:22-23. Maridos e mulheres devem respeitar-se, sendo que cabe ao marido amar a sua mulher.

Terça - 1Cor. 13:1-8. O amor que deve existir entre marido e mulher, deve ser o amor verdadeiro, que nunca se acaba.

Quarta - Gênesis 16. Por não aguar-
dar quietamente dentro dos princípios divinos, Sara quebra a harmonia do seu lar.

Quinta - Prov. 31:10-31. A mulher sábia conquista o coração do seu marido.

Sexta - Mat. 1:18-25. José respeita sua esposa e procura não difamá-la.

Sábado - Atos 18. Um casal em harmonia ajuda no ministério do apóstolo.

Estudo 7

VIVENDO EM HARMONIA NO LAR

Texto básico: 1 Pedro 3:1-7

Estudando o livro de Gênesis, bem no seu início, vemos que Deus criou todas as coisas para existirem harmoniosamente. Isto porque a Sua criação é um todo e era necessário que as partes desse todo estivessem sempre em uma **disposição bem ordenada**, com cada elemento cumprindo o seu papel específico, para que todos os papéis fossem cumpridos com perfeição. Deus separou a luz das trevas; as águas da terra; criou as árvores, dando cada qual o seu fruto, conforme a sua espécie; separou os dias e determinou luminares no firma-mento, surgindo cada qual em seus devidos tempos. Criou os animais e separou-os por espécie, colocando-os em seus "habitats" naturais e ordenando-lhes uma reprodução conforme suas espécies. E, finalmente, criou o ser humano, macho e fêmea (Gen. 1:27), em igualdade de valor, mas com características e funções diferentes. Toda a criação de Deus foi ordenada harmoniosamente.

Ao permitir que o pecado entrasse no mundo, o ser humano permitiu

que a desarmonia, já existente no universo desde que Satanás e seus anjos se rebelaram contra Deus, se alojasse no mundo, principalmente no ser humano.

O apóstolo Pedro, continuando sua explanação a respeito da vida cristã, escreve sobre a harmonia no lar, tão necessária àqueles que já foram perdoados e purificados do pecado, pelo sangue de Cristo.

É um estudo de grande importância para nós, porque mesmo convertidos, sofremos influência do mundo e a assimilação dessa influência tem feito com que crentes em Cristo vivam em desarmonia com seus cônjuges, pais, filhos e, conseqüentemente, com seus semelhantes.

É nosso objetivo observarmos, então, como o crente deve e precisa se esforçar para vencer o mal e viver em harmonia no seu lar.

AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DE DESARMONIA.

A desarmonia manifestou-se logo de início no primeiro casal,

em Adão e Eva, e **foi uma desarmonia com Deus**. Foi estabelecida quando eles desobedeceram a Deus e foi manifestada quando eles se esconderam dele porque sentiram que alguma coisa estava desajustada entre eles e o Criador. Logo depois, manifestou-se em Adão, quando este, desejando livrar-se da sua culpa, tenta lançá-la sobre Deus e sobre sua mulher (Gên 3:12). Ali toda a beleza do casamento estava ameaçada pelo desequilíbrio provocado pelo egoísmo que é na realidade uma manifestação de falta de amor.

De lá para cá o casamento tem sofrido desajustamentos terríveis que têm destruído lares e degenerado a sociedade. O homem tem se brutalizado e a mulher tem sido considerada, em muitas sociedades, como um estorvo ou como um ser inferior. Na Índia, segundo reportagem veiculada em uma emissora de TV, pais estão matando suas filhas alegando que custa muito caro sustentá-las; e as viúvas, até bem pouco tempo, eram obrigadas a se suicidarem quando seus maridos morriam. Em diversos países Árabes, principalmente no Irã, a mulher tem sido mutilada em seu corpo e tem sido considerada um objeto de reprodução, podendo até mesmo morrer se mostrar o seu rosto em público.

Por outro lado, em países chamados civilizados, a mulher tem sido incentivada cada vez mais a desrespeitar seu marido, seu casamento, e a viver uma vida licenciosa e imoral. Tem também sido incentivada a ocupar funções que seriam naturais e

claramente do esposo, desequilibrando totalmente a convivência conjugal. Por outro lado, maridos estão abandonando a posição de cabeça da mulher, deixando de sustentá-las, de amá-las, de compreendê-las, de fazer com que as esposas se sintam amparadas e amadas.

Como a harmonia pode ser mantida ou trazida de volta? O apóstolo Pedro ensina.

PARA A HARMONIA NO LAR É NECESSÁRIA A OBEDIÊNCIA DA MULHER PARA COM O MARIDO - (v. 1).

Este não é um ensinamento somente do apóstolo Pedro, mas também o apóstolo Paulo assim o ensina na sua carta à igreja de Éfeso. No texto ele alerta as mulheres a serem *sujeitas a seus maridos, como ao Senhor* (Ef 5:22) e explica que há uma organização no lar dizendo: *"Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja"* (Ef 5:23).

Uma coisa que impressiona no texto da carta do apóstolo Pedro é a expressão "aos seus **próprios** maridos". Parece que estava havendo um fenômeno entre as mulheres gentias que se convertiam: elas passavam a não querer obedecer aos seus maridos não convertidos e colocavam-se sob uma obediência a outras pessoas, talvez das igrejas a que pertenciam. Agiam como se estivessem divorciadas pelo fato de terem se convertido. O apóstolo então mostra a necessidade de obediência,

mesmo àqueles maridos não convertidos porque continuavam sendo seus maridos.

A obediência, o comportamento harmonioso da esposa crente levaria o marido não crente a ser ganho, a modificar o seu próprio comportamento, sem palavras, sem admoestações. Ou seja, o equilíbrio da mulher crente em obedecer ao marido traria também equilíbrio no marido.

PARA A HARMONIA NO LAR É NECESSÁRIA A SOBRIEDADE - v. 2

Sobriedade é temperança, é equilíbrio, e não pode haver harmonia sem equilíbrio. Isto é de fato impossível. A necessidade de sobriedade é apontada pelo apóstolo nas expressões *castidade, temor, mansidão e quietude*.

1. Sobriedade que se manifesta na castidade - trás em si a idéia de moralidade, que é o inverso de imoralidade. Quantos lares têm sido destruídos por comportamentos imorais, não castos, de maridos e mulheres levianos, que não consideram a seriedade e santidade do casamento?

2. Sobriedade que se manifesta no temor (no sentido de respeito). Não medo, não a consideração do cônjuge como um ser superior, mas como uma pessoa, no seu ser total, que precisa ser respeitada. Deve existir respeito mútuo em um casamento e muito mais ainda em um casamento entre pessoas que são regeneradas por Cristo e que, conseqüentemente, devem ser tementes a Deus.

3. Sobriedade que se manifesta na mansidão - é característica de quem é obediente. Homens obedientes a Deus e mulheres obedientes a Deus e ao marido são mansos. O que o apóstolo Pedro está dizendo é que não adianta a mulher estar toda enfeitada por fora, se o seu coração estiver manchado pela imoralidade, pelo desrespeito ao marido. Até mesmo porque a beleza exterior é perecível, mas a beleza do coração dura para sempre. Muitas mulheres aparentemente belas estão com seus lares completamente destruídos porque não têm um espírito manso, cordato, respeitador. É natural da mulher adornar-se, querer ser bela. Aliás é o que diz o texto, no versículo 5. Mas deve valorizar muito mais a beleza interior, estando sujeita ao próprio Deus acima de tudo.

4. A sobriedade se manifesta na quietude - O apóstolo está falando de uma quietude da alma, de uma tranquilidade do espírito. Um esposo deseja sempre que sua esposa seja fator de quietude, tranquilidade no lar. É bem verdade que muitos esposos não cooperam para isso, mas o conselho do apóstolo é este. E, de maneira interessante, ele diz que tais características são agradáveis a Deus. Para que haja harmonia no lar, é preciso que tenhamos atitudes que sejam agradáveis a Deus.

PARA A HARMONIA NO LAR É NECESSÁRIO O ENTENDIMENTO E A HONRA - (v. 7)

A expressão inicial do apóstolo, quando passa a falar com os mari-